

MICHAEL DOUGLAS CASTRO MAIA

AFETO DIÁRIO

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2014

MICHAEL DOUGLAS CASTRO MAIA

AFETO DIÁRIO

Projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Mariana Ramalho Procópio Xavier

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

2014



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação de Social/ Jornalismo

Projeto experimental intitulado *Afeto diário*, de autoria do estudante Michael Douglas Castro Maia, aprovada pela banca examinadora constituída pelas seguintes professoras:

Profa. Dra. Mariana Ramalho Procópio Xavier
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Profa. Ma. Laene Mucci Daniel
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Profa. Ma. Hideide Brito Torres
Doutoranda em Estudos Literários pela UFJF

Viçosa, 02 de dezembro de 2014

Às diaristas, mães de uma cidade universitária.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho não chegaria ao fim se eu não tivesse contado com a ajuda de inúmeras pessoas, que sempre estiveram presentes em minha vida. Primeiro agradeço a quem me deu forças mesmo estando longe, atendendo meus telefonemas às seis e meia da manhã, e dizendo: calma filho, você vai conseguir. Sem o apoio de meus pais e de toda a minha família, certamente não concluiria o documentário *Afeto diário*.

Aos professores e funcionários do DCM por ajudar a ter experiências nas áreas da comunicação e principalmente pela ajuda nos empréstimos de equipamentos, os cartões e baterias de reservas.

Fico feliz em agradecer aos meus grandes companheiros de Viçosa: aos colegas da COM 11, a minha segunda família AchoCOM, ao Helvio e ao Lucas, melhores amigos para dividir (e entregar) um apartamento. E em especial agradeço às pessoas que me ajudaram a finalizar este trabalho de conclusão de curso, Mari pelas indicações na hora das gravações, Samuel por ajudar a carregar os equipamentos e conseguir fazer piada de qualquer situação, os amigos do estágio pelos ensinamentos em produção audiovisual, a amizade de Raul e principalmente paciência por aguentar todos os momentos de estresse, Bia por me ajudar a confeccionar os DVDs e a Thalita que para minha sorte apareceu com uma das melhores fontes que eu poderia arrumar para este documentário.

E a Cida, dona Lelé, Cacilda e Raimunda. Diaristas de várias repúblicas, e agora pessoas que nunca esquecerei, por terem me encaixado em seus horários, concedido entrevistas, e pelos sorrisos e conversas.

Não poderia esquecer minha orientadora, Mariana Procópio pela paciência e apoio em todo esse percurso, desde o final do primeiro semestre de 2014, mostrando as melhores maneiras para conseguir finalizar *Afeto diário*. Agradeço imensamente pelos conselhos e puxões de orelha.

RESUMO

O documentário *Afeto diário* é um projeto experimental produzido como Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Federal de Viçosa (UFV). O trabalho de diaristas é considerado rápido e realiza-se em mais de uma casa por dia e semana. São muitos clientes, mas mesmo assim o afeto é presente entre os dois polos. Esta produção de média-metragem teve como finalidade relatar este afeto presente nas relações entre as diaristas e os moradores de repúblicas estudantis em Viçosa-MG. Os depoimentos referentes ao tema foram construídos em um roteiro sem a presença de *voz off*. O presente memorial aborda os pressupostos de teóricos do gênero documentário e roteiro, do trabalho doméstico e suas delimitações e o tema central: o afeto entre estudantes e diaristas. Para a realização desse trabalho, organizou-se três etapas: pré-produção (pesquisa e pré-entrevistas), produção (gravações de entrevistas e todo material) e pós-produção (montagem da narrativa e edição do documentário).

PALAVRAS-CHAVE

Diaristas; trabalho doméstico; afeto; Viçosa; documentário.

ABSTRACT

The documentary *Afeto diário* is an experimental production for the Social Communication in Journalism major final project of the Federal University of Viçosa. The work of daily housecleaners is considered rapid and takes place in several houses per day and week. Even though there are a lot of costumers, affection is present on both sides. This production of a short-film had as the main goal to report this affection that takes place between college housecleaners and fraternity students in Viçosa-MG. The testimonials concerning the subject were built in a script without *voice off*. The stated memorial conceives the premises of documentary gender and script, housework and its delimitations, and the core of this project: the affection between students and housecleaners. The realization of this short-film was achieved in three steps: pre-production (research and pre-interviews), production (interviews and other scenes recording) and post-production (narrative set up and documentary edition).

KEYWORDS

Daily housecleaners; housework; affection; Viçosa; documentary.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1: VARRENDO O CHÃO E ENTENDENDO O TRABALHO DOMÉSTICO.....	11
1.1. Especificidades do trabalho das diaristas.....	13
1.2. Diaristas: da informalidade do trabalho e do afeto.....	15
CAPÍTULO 2: GÊNERO DOCUMENTÁRIO E A CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO.....	19
2.1. O roteiro e a construção de uma narrativa baseada em depoimentos.....	22
CAPÍTULO 3: RELATÓRIO TÉCNICO.....	26
3.1. Pré-produção.....	26
3.2. Produção.....	29
3.3. Pós-produção.....	35
3.4. Material, cronograma e orçamento.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41
ANEXOS.....	44

INTRODUÇÃO

“Viçosa é uma cidade passageira, nós vamos embora, mas nosso coração permanece aqui.” O autor é desconhecido, só se sabe que foi algum aluno da Universidade Federal de Viçosa que, já depois de sua formatura, percebeu que amava tanto a cidade. E certamente, a vida universitária viçosense, em sua maioria, é temporária. Mas os relacionamentos construídos permanecem por muito tempo e foi este o ponto chave que pretendi trabalhar em uma produção experimental.

A cidade consiste em sua população estimada em 76 mil habitantes¹. Insere-se aqui uma das maiores universidades federais do país, ocupando cerca de 16 milhões de metros quadrados. A população proveniente da UFV aproxima-se de 12 mil estudantes da graduação e 3.500 da pós-graduação², fora alunos de outras duas faculdades e escolas de ensino médio que também se instalam na cidade. Por essa razão, grande parte das atividades econômicas da cidade é referente à prestação de serviços para os estudantes.

Como trabalho de conclusão de curso apresento *Afeto diário*, um documentário que propõe relatar o relacionamento das diaristas de repúblicas estudantis com seus clientes. Motivado por esse mesmo sentimento mútuo de carinho, percebi que não era apenas comigo, mas com muitos outros. Além de que, desde sempre admirei o trabalho doméstico, antes mesmo de chegar a Viçosa. O trabalho de limpeza é imprescindível na sociedade. Hoje em dia, não é muito difícil encontrar pessoas que utilizam deste serviço, visto que o Brasil, como apresentarei no próximo capítulo, é o país que mais emprega no setor.

Procurei também produzir um documentário que me incentivasse a experimentar técnicas aprendidas e fugir um pouco do jornalismo tradicional de televisão, podendo usar enquadramentos e ângulos não convencionais, utilizando de câmeras DSLRs³ e suportes específicos. Mas também trabalhando o que o jornalismo tem de melhor, nos conselhos de Eliane Brum, o bom repórter “tem que se esvaziar dos preconceitos e julgamentos e deixar se encher pelas histórias dos outros”⁴.

¹ Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=317130&search=||info%EFicos:-informa%E7%F5es-completas> Acessado em 09 de outubro de 2014.

² Disponível em: <http://www.ppo.ufv.br/wp-content/uploads/2012/05/UFV-EM-NUMEROS-2014-final.pdf> acessado em 09 de outubro de 2014.

³ Câmera digital de reflexo por uma lente, em que a imagem é refletida por um espelho direto para o visor. Isso a torna excelente para captar imagens em ambientes escuros.

⁴ Disponível em: <http://www.infocambiouniversitario.com.br/sem-categoria/eliane-brum-e-os-historiadores-do-cotidiano> acessado em 09 de outubro de 2014.

Nos parágrafos seguintes é exposto o trabalho doméstico em sua atual circunstância, seu breve histórico, suas delimitações e o presente tema desenvolvido no documentário, o afeto entre as diaristas e os estudantes. Apresenta-se com contribuições de autores como Monticelli (2013), Nunes (1993), Weber (2004), Fraga (2010) e tantas outras pesquisas sociológicas e econômicas voltadas para o serviço doméstico, discursando sobre conceitos de afeto e o que vai além da troca entre capital/serviço.

A seguir, apresenta-se contribuições teóricas de documentaristas e pesquisadores de produções do gênero sobre a técnica de roteirização nesses produtos, visto que em grande parte são coletas da realidade, sem um conhecimento prévio do que poderá acontecer ou relatar. Discorre-se sobre a definição dos documentários de acordo com autores como Lucena (2009), Penafria (1999), Nichols (2011), Hampe (1997) e outros, e a significação e importância de roteiros nessas produções de acordo com Puccini (2013), Chion (1989), DocComparato (2009) e outros.

No terceiro capítulo a produção do documentário é descrita detalhadamente desde o seu início no primeiro semestre de 2014. As etapas da produção definidas por Moletta (2009) são descritas desde o primeiro momento até a finalização do vídeo concluindo com a organização do presente memorial.

CAPÍTULO 1: VARRENDO O CHÃO E ENTENDENDO O TRABALHO DOMÉSTICO

De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), os trabalhadores de serviços domésticos em geral têm as suas funções descritas da seguinte maneira:

Preparam refeições e prestam assistência às pessoas, cuidam de peças do vestuário como roupas e sapatos e colaboram na administração da casa, conforme orientações recebidas. Fazem arrumação ou faxina e podem cuidar de plantas do ambiente interno e de animais domésticos. (BRASIL, CBO, 5121-20).⁵

É possível perceber que os trabalhadores domésticos possuem inúmeras funções dentro da casa, desde o cuidado do estabelecimento, amparar as pessoas que os empregam e atender para os pertences do lugar. A CBO define quatro tipos, empregado doméstico de serviços gerais (caseiro), empregado doméstico arrumador (arrumador no serviço doméstico), empregado doméstico faxineiro e empregado doméstico diarista.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) apresentou em 2013 um relatório⁶ sobre o trabalho doméstico ao redor do mundo, objetivando superar a invisibilidade e divulgar a sua participação na economia empregatícia global, exibindo o número de mais ou menos 53 milhões de trabalhadores domésticos no mundo e promovendo a segurança do empregado, que sem seus direitos afirmados ele fica cada vez mais exposto a um abuso.

No mesmo ano, no Brasil, foi promulgada a PEC (Proposta de Emenda à Constituição) que viabiliza os direitos para as domésticas iguais aos dos outros trabalhadores, como um salário mínimo ao mês, jornada de trabalho de 8 horas, pagamento de horas extras, respeito às normas de higiene e saúde, exceto o recolhimento do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço) que ainda é facultativo. Antes, eram regulamentadas por uma legislação especial e não pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). De acordo com a legislação, artigo 3º da CLT⁷, para um empregado doméstico ter um vínculo empregatício são necessários os requisitos de personalidade (somente ele presta o serviço), onerosidade (recebe pela

⁵ Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf> Acessado em 26 de maio de 2014.

⁶ Disponível em: http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_173363.pdf Acessado em 26 de maio 2014.

⁷ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm Acessado em 24 de outubro de 2014.

execução do serviço), continuidade (o serviço é prestado de forma não eventual) e subordinação (o empregador define a realização do serviço, determinando, por exemplo, o horário).

Após esta regulamentação, algumas discussões se fizeram mais frequentes na sociedade brasileira. Eliane Cristina Araújo (2014, p.78) descreve que “se por um lado a referida lei pode melhorar as condições de vida e trabalho, por outro lado, ao elevar os custos desse trabalho, poderá se traduzir em resultados decepcionantes, como demissões, subcontratações, emprego irregular, dentre outros reflexos”.

Importante afirmar que a conquista pelos direitos da profissão veio tarde, pois o trabalho doméstico carrega um histórico desde o período escravocrata, mesmo quando as famílias utilizassem de escravos domésticos, contratavam mulheres novas para ajudar (MELO, 1998).

Com a industrialização e urbanização, o progresso brasileiro expandiu a classe média e passou-se a procurar mais pelo serviço. “Transformaram a chamada “ajuda” em serviço doméstico – realizado sobre as bases de casa e comida - para a população migrante de mulheres jovens brancas e não-brancas nascidas no campo” (MELO, 1998, p. 6).

Vale destacar que, desde o início dessa atividade trabalhista, a procura era por mulheres. Essa constatação foi exposta recentemente pelo relatório da OTI, no qual fora verificado que, dentre 53 milhões de trabalhadores domésticos no mundo, 43 são do sexo feminino, ou seja, 81% do total. Não é surpresa, pois “em nossa sociedade, os afazeres domésticos são tidos como responsabilidade da mulher, qualquer que seja sua situação social, sua posição na família e trabalhe ela ou não fora do lar” (BRUSCHINI e LOMBARDI, 2000, p. 70).

No Brasil, país que mais emprega no setor doméstico do mundo, cerca de 6,3 milhões, os dados divulgados pela Pesquisa de Amostra por Domicílio (PNAD, 2012)⁸ apontaram que seis milhões de mulheres são empregadas. Porém, um ponto importante está na contratação: apenas 30,6% são profissionais de carteira assinada, refletindo pouca formalização do trabalho. Na cidade de Viçosa, de acordo com o Censo 2010,

⁸Disponível em:http://www.domesticalegal.org.br/PNAD_2012_Retrato_do_Emprego_Domestico.pdf Acessado em 24 de outubro de 2014

estudo estatístico do IBGE⁹, os números de trabalhadores domésticos são de 4 mil, sendo 2.147 de carteira assinada, e o restante sem carteira assinada.

Nos dois últimos anos, algumas reportagens e colunas em jornais impressos promoveram discussões sobre o futuro do trabalho doméstico. Considerando uma “evolução” e argumentando em favor de desenvolvimentos tecnológicos e econômicos que revolucionarão a sociedade, o jornalista Gilberto Dimenstein da Folha de São Paulo¹⁰ defende: “Vai ocorrer o que ocorre em qualquer país civilizado. (...) Os meninos e meninas aprenderão a limpar seus quartos. Famílias comerão mais comida de fora e se usarão lavanderias públicas, gerando novos empregos” (DIMENSTEIN, 2012, s.p.).

Todavia, não se pode considerar essa configuração no setor de forma bruta.

O trabalho doméstico remunerado vem se configurando de diversas maneiras em nossa sociedade, assim como as famílias que dele se utilizam, mas ainda não podemos analisar um ‘desaparecimento’ desse setor trabalhista, pois suas características estão enraizadas na tradição patronal brasileira, que desde os tempos coloniais contava com amas, babás, criadas, serventes e escravas. (MONTICELLI, 2013, p.20).

A contratação do trabalho está veiculada mais a questões de tempo e disponibilidade da família. As tecnologias apenas facilitam o trabalho doméstico, “mas não democratizam ou incluem como costume a divisão igualitária das tarefas domésticas.” (MONTICELLI, 2013, p.20).

1.1 Especificidades do trabalho das diaristas

Até o momento, concentramo-nos na apresentação do trabalho de domésticas mensalistas, com vínculo com apenas um empregador. No entanto, o trabalho doméstico possui a categoria das diaristas, que excede esse vínculo, dando ao empregado liberdade para prestar serviços para outros. É considerada como uma modalidade de trabalho informal e não encaixa no requisito de continuidade da CLT, pois o seu serviço é eventual.

⁹ Disponível em:

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=317130&idtema=107&search=minas-gerais|vicosalcenso-demografico-2010:-resultados-da-amostra-trabalho--> Acessado em 24 de outubro de 2014.

¹⁰ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/gilbertodimenstein/1189259-domestica-vai-virar-luxo.shtml> Acessado em 19 de outubro de 2014

Dessa forma, a diarista é classificada como “trabalhador autônomo”, resultando em um atraso constitucional na busca de direitos para a profissão. As negociações jurídicas dependem de “interpretações de juízes e advogados, dado as lacunas deixadas pela má formulação de artigos e pela incompatibilidade das descrições jurídicas com os casos reais.” (MONTICELLI, 2013, p.108). Assim, em Viçosa, dados do IBGE demonstram que inúmeras diaristas não se encaixam em uma categoria, ou algumas podem se encaixar nas 10 mil mulheres contribuintes na Previdência Social, ou nas 5 mil que não contribuem¹¹. A escolha de contribuir depende de cada uma, basta registrar como trabalhadora autônoma ou contribuinte individual¹².

É interessante analisar que a diarista também não é uma profissão recente. Maria Izilda Matos (1994), no artigo *Porta Adentro: criados de servir em São Paulo 1890-1930*, aponta que a escolha de lavadeiras, lavadoras de vidraças e engomadeiras para um dia era comum já antes e no início do século XX no Brasil. “As formas de contratação eram realizadas para determinados serviços e complementavam os trabalhos já realizados por outras criadas” (MONTICELLI, 2013, p.25). As atividades foram modificadas com o tempo: antes eram serviços específicos como ditos acima ou para auxiliar a doméstica mensalista por um dia; hoje, na maioria das vezes, as tarefas de uma diarista são todas as atividades da casa.

Na maior parte, as diaristas são ex-domésticas que terminam o contrato com os empregadores. Esta opção de finalizar suas relações é analisada por Cristine Girard Ferreira Nunes (1993) como uma fuga de opressão e investimento em uma atividade menos formal. Na obra *Cidadania e Cultura: o universo das empregadas domésticas em Brasília, 1970-1990*, a autora analisa como o setor trabalhista é diversificado e afirma que “de fato, se as domésticas que morassem na casa dos patrões pudessem se transformar em diaristas, elas o fariam.” (NUNES, 1993, p.250).

A Promulgação de Emenda Constitucional (PEC) das Domésticas visava promover o trabalho doméstico contratual, não mencionando o trabalho das diaristas. Porém, logo após o decreto, portais de notícias postaram sobre uma crescente procura

¹¹

Disponível

em:

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=317130&idtema=107&search=minasgerais|vi cosa|censo-demografico-2010:-resultados-da-amostra-trabalho--> Acessado em 24 de outubro de 2014

¹²Disponível em: <http://www.previdencia.gov.br/contribuente-individual/> Acessado em 25 de outubro de 2014

das profissionais. O Globo¹³ noticiou que em dez anos cresceu o número diaristas, e o IG¹⁴ sobre agências de emprego que relataram sobre esta demanda.

David Harris (2007), em sua tese *Você vai me servir: desigualdade, proximidade e agência nos dois lados do equador*, identifica a profissão diarista como exemplo do neoliberalismo. Segundo ele, “representa uma forma de emprego doméstico que tende a exemplificar as características de um emprego mais ‘moderno’, ‘racional’ e ‘capitalista’ do que o caso da mensalista, e particularmente da mensalista residente na casa dos empregadores”. (HARRIS, 2007, p.119).

Harris (2007) analisa também o sentimento de modernidade que ela proporciona para o empregador, já que o contrato é eficiente, sem nenhuma responsabilidade legal com a trabalhadora. Denomina-se como uma nova forma de emprego doméstico, o *Professional cleaning service*. O serviço é considerado por ser mais rápido assim como o contrato com o seu empregador, pois é pago pelos dias trabalhados. Como são várias casas para trabalhar em uma semana, a agilidade na limpeza é requisito no empregado.

Assim, como são definidas as relações entre as duas partes envolvidas nessa relação de trabalho? Se elas não precisam de um contrato, o que será que as mantém unidas? Tais questões serão discutidas no próximo tópico.

1.2 Diaristas: da informalidade do trabalho e do afeto

No dicionário de filosofia Nicola Abbagnano (1998), a definição de afeto é:

Essa palavra designa o conjunto de atos ou atitudes como a bondade, a benevolência, a inclinação, a devoção, a proteção, o apego, a gratidão, ternura, etc., que, no seu todo, pode ser caracterizado como a situação em que uma pessoa “preocupa-se com” ou “cuida de” outra pessoa em que esta responde positivamente, aos cuidados. (DICIONÁRIO DE FILOSOFIA, 1998, p.21).

O afeto deve ser compreendido como diferente da paixão, não caracterizado como um sentimento totalitário e dominante, mas como um conjunto de emoções positivas exclusivistas. Essa ligação do afeto com a preocupação e zelo é interessante

¹³ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/domesticas-em-dez-anos-numero-de-diaristas-aumenta-enquanto-de-mensalistas-encolhe-9034073> Acessado 24 de outubro.

¹⁴ Disponível em: <http://economia.ig.com.br/2013-03-27/lei-das-domesticas-eleva-busca-por-diaristas-dizem-agencias-de-emprego.html> Acessado 24 de outubro.

analisar sob a perspectiva do trabalho doméstico remunerado, em que nas relações estão presentes tais emoções e interações interpessoais.

Judith Butler (2010) define o afeto pelo meio de marco interpretativo, no qual todo ser social é dirigido e pautado por interpretações do meio em que se situa, possibilitando, então, diferentes formas de afeto. Isto significa que o afeto aparece quando o sujeito está em um circuito de afeto social, nos meios sociais que compartilha e naturaliza em seu dia a dia (BUTLER *apud* MONTICELLI 2013). Poderia então, o afeto construído entre as diaristas e seus empregadores ser natural?

Max Weber (2004) teoriza na divisão do sentimento e da razão, criando uma dicotomia, de um lado “emoções” e de outro “relações frias e burocráticas” para compreender o mundo moderno. Em uma análise da troca do capital por serviço, o trabalho das diaristas poderia se encaixar nesta polarização. Entretanto, essa visão de eficiência e racionalização levada pela objetividade, deve ser reconsiderada, principalmente pautando-se por Viviana Zelizier (2009), em “La Negociación de la Intimidad”, que afirma que as relações de trabalho, quando envolvem intimidade, são mais complexas. A autora prega que os vínculos monetários são analisados de acordo com as relações sociais e universos culturais envolvidos, ou seja, os laços afetivos entram em conflito quando o empregador pensa se as formas de pagamento estão ou não adequadas para o serviço.

Então, como as pessoas definem quando a diária não é suficiente? Muitas vezes as diaristas mantêm relações afetivas com seus empregadores e são mantidas além da troca entre serviço/capital, como foi perceptível nas entrevistas com algumas diaristas, nas quais as profissionais relataram que os estudantes as recebem com carinho, oferecem lanches e dão presentes de natal desde vinhos a eletrodomésticos. O autor Alexandre Fraga quanto a esta afetividade compreende que “na falta do vínculo empregatício, a gratidão faz às vezes de ligação, criando um elo para além da prestação de serviços em sentido estrito”. (FRAGA, 2010, p. 137).

O sentimento de gratidão é analisado por Arlie Hochschild (2008), conceituando a economia de gratidão como fundamentada “pela ideia de que as pessoas avaliam conscientemente ou não, as coisas que ganham e recebem quando estão inseridas nas relações íntimas.” (HOCHSCHILD *apud* MONTICELLI, 2013, p.151). São atribuídos nesta economia mais do que o dinheiro, alguns símbolos que são considerados bons para o relacionamento também são incluídos.

Em algumas entrevistas, as diaristas demonstraram desprazer em algumas tarefas das repúblicas, porém, justificavam a permanência pelos estudantes/empregadores serem bons para elas. “Essas mulheres trabalham em casas em que sintam valorizadas, e que seus trabalhos sejam reconhecidos.” (MONTICELLI, 2013, p.152). Além do reconhecimento, é atribuída também a confiança dada pelos patrões, por exemplo, a diarista possuir liberdade para realizar os seus serviços e manusear aparelhos eletrônicos.

Pode-se compreender que a economia da gratidão aborda e demonstra as desigualdades sociais, pois “toda essa gratidão e afetos estão conectados com relações sociais desiguais de trabalho, dessa forma, os afetos aparecem aqui como meio para se conseguir relações mais humanas, que valorizem e reconheçam o outro.” (MONTICELLI, 2013, p.154). Os relacionamentos contribuem para as diaristas escolherem os empregadores pelo que elas querem sentir. De acordo com Butler (2010), os afetos condicionam nas escolhas de cada um, todas as emoções colaboram com o ato interpretativo. Monticelli complementa:

As escolhas e as seletividades das diaristas estão imbricadas em sua capacidade de agenciamento, ou seja, à medida que são afetadas pelas condições e relações sociais em que estão inseridas, suas interpretações perante as diversas posições encontradas em suas relações são modificadas, influenciando suas escolhas e sua percepção de si. (MONTICELLI, 2013, p.124).

Por isso, somos levados a crer que em quanto mais repúblicas as diaristas trabalharem, mais aumentará o relacionamento delas com os estudantes, podendo auxiliar na continuação da escolha desses lugares para trabalhar. Essa percepção foi confirmada na entrevista com Cacilda Martins Campos. Quando perguntei como foi, para ela, trabalhar em casas de família, ela fechou a cara e respondeu: era muito mais chato, depois que comecei com estudante nunca mais parei.

Assim como é analisado por Chodorow (2003), “os sujeitos agregam as percepções presentes às suas experiências passadas, e frente às circunstâncias vividas conseguem uma posição ativa em situações que consideram desiguais e abusivas.” (CHODOROW *apud* MONTICELLI, 2013, p.125). É apresentada então uma realidade das diaristas como autônoma, tanto em seu trabalho como nos seus sentimentos, não querendo se submeter a qualquer injustiça ou abuso.

Conforme as referências teóricas pesquisadas e as conversas e entrevistas com diaristas e estudantes, percebe-se que os relacionamentos vão além do contrato verbal. Como dito anteriormente, os relacionamentos trazem influência do histórico das profissionais e dos próprios estudantes, e também são explicados pela economia da gratidão, na qual as relações monetárias não são suficientes para pagar os serviços.

CAPÍTULO 2: GÊNERO DOCUMENTÁRIO E A CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO

As primeiras compilações de imagens cinematográficas foram feitas pelos irmãos Lumière e eram de eventos do cotidiano como operários saindo da fábrica. Estudos de Lucena (2012) apontam que o explorador Robert Flaherty, com o filme *Nanook*, o Esquimó (*Nanook of the North*, 1922) foi percussor no gênero documental, onde são inseridos personagens reais em seu habitat, procurando uma representação real da comunidade de esquimós.

As primeiras produções eram precárias uma vez que os recursos limitavam: os equipamentos eram pesados, as películas tinham baixa sensibilidade, necessitando de maior incidência de luz possível, e os gravadores de som tinham que ser transportados em caminhões, além das câmeras de 35mm fazerem barulho na hora da gravação. Na Segunda Guerra Mundial, correspondentes de guerra testaram equipamentos mais leves e silenciosos, como o uso de câmeras e películas de 16mm e o gravador Nagra, primeiro dispositivo magnético portátil que sincronizava a imagem e o som. Tais inovações trouxeram significativas mudanças na produção dos documentários (LUCENA 2012).

Fato é que definir documentário não é tarefa fácil. É importante analisar o contexto histórico do gênero para compreendê-lo, já que “em cada época, quando se fala em documentário, estará na mente de cada autor um determinado tipo de filme, uma determinada forma dominante de representação da realidade” (PENAFRIA, 2011. p.355).

Nichols (2001) entende que todo filme é documentário, sendo os filmes de ficção denominados de documentários de satisfação de desejos, pois são representações do real com recursos ficcionais. A então distinção entre um filme de ficção para um documentário é perceptível na própria produção de cada um, pois

uma diferença marcante entre o documentário e o cinema de ficção é aquele não poder ser escrito ou planejado de modo equivalente a este último; o percurso para a produção do documentário supõe uma liberdade que dificilmente se encontra em qualquer outro gênero. Um documentário é construído ao longo do processo de sua produção. Mesmo existindo um roteiro, o formato final somente se define com as filmagens, a edição e a montagem. (MELO, 2001. p. 26)

De tal modo, Nichols (2001) propõe que representar o mundo em que se ocupa com um produto audiovisual não ficcional é característica do documentário, assim como é dever do documentarista selecionar e organizar o material da realidade social que se propõe mostrar. Lucena (2012) expõe que os filmes de não ficção não são fiéis reproduzidos da realidade, mas possuem características dela, sendo representações do campo simbólico. “No entanto, ao reelaborar as formas de produção simbólica, pode-se transfigurar, perdendo a característica de busca de transcrição da realidade e tornando-se uma espécie de observação” (LUCENA, 2012, p.109).

Dentre as diferenças entre os filmes de ficção e os de não ficção, é interessante apontar que, na maioria das vezes, os personagens do documentário são convidados a representar eles mesmos como no cotidiano (como as diaristas do *Afeto diário*), ao contrário de filmes de ficção. Distingue-se, então, que nos documentários as pessoas são denominadas de atores sociais, e no outro gênero, como atores culturais intérpretes de um papel. Assim, é de extrema importância a responsabilidade ética do documentarista em não alterar os depoimentos de modo a construir uma narrativa que viole os direitos das pessoas de quem ele entrevistou.

Apesar dessas diferenças, o documentário, em termos técnicos da produção, se assemelha a um filme de ficção, exigindo enquadramentos, cuidados com o som e a iluminação e um tema envolvente. John Grierson (1932 *apud* LUCENA 2012), um dos primeiros estudiosos do gênero, afirma que é função do documentarista tratar de forma criativa o assunto que escolheu, incluindo, além de suas experiências no produto, a sua visão crítica. O autor utiliza a criatividade, com o olhar especial que possui. O filme documental é “uma porta aberta para o mundo, para diferentes olhares sobre o mundo, para a reflexão sobre o mundo e é para quem a eles se dedica, um espaço aberto para a experimentação e exploração criativa.” (PENAFRIA, 1999, p. 7).

Ainda para elucidar as possíveis especificações de gênero documentário, Lucena (2012) ressalta as suas especificidades técnicas, dizendo que trata-se de uma captação de um conteúdo por dispositivos como câmera, filmadora, celular que demonstra a perspectiva do diretor, apresentando roteiro e sem objetivo comercial. A maior parte é constituída por entrevistas e depoimentos dos personagens, construídos no discurso do produto audiovisual. O documentarista Eduardo Coutinho, por exemplo, na maioria de seus longas, explora a entrevista como o momento de encontro com a sua fonte,

economizando outros recursos técnicos e discursivos (como *voz over*¹⁵). Porém, Puccini (2012), para criar maior dinâmica visual, indica registrar os personagens em ação.

Essa ação muitas vezes se revela mais uma atividade, o personagem encena para a câmera aquelas que seriam as suas atividades habituais ligadas à vida doméstica ou profissional. (...) Quebrando o monopólio do enquadramento de entrevista padrão (câmera fixa em plano médio ou primeiro plano) ao inserir uma maior variedade de composições visuais no documentário (planos, enquadramentos). (...) Tal recurso possibilita ao documentarista cobrir momentos diversos na vida de seus personagens. (PUCCINI, 2012, p.44).

Documentários que contêm grande parte de entrevistas são associados à monotonia de filmes considerados como *talking heads* nos quais são mostradas apenas cabeças falantes e resultam na generalização da entrevista. Ela “se tornou o feijão com arroz do documentário cinematográfico e televisivo. Perderam-se as justificativas iniciais, quaisquer que fossem elas.” (BERNADET, 2003, p.285). Os longas de Eduardo Coutinho, mesmo que possuam muitas entrevistas, procuram construir narrativas através das expressões e depoimentos extraídos de suas conversas com os interlocutores, como em *Santo Forte* (1999) e *Edifício Master* (2002). A entrevista estimula o exercício da retórica, segundo Puccini (2012), e pode gerar uma ação dramática proveniente por um confronto entre as duas partes, o entrevistador e entrevistado. Tal situação, mesmo que não prolongue durante o documentário, desenvolve a narrativa audiovisual.

Quanto ao discurso no documentário, Nichols (2001), afirma que ao contrário dos filmes de ficção, ele é diretamente designado ao espectador, e destacou as formas do discurso: falo deles ou disso para você; falo de mim; falo de alguém para você; falamos de nós para você (presente no documentário *Afeto diário*). Já para Lucena (2012, p.9), o discurso divide-se em duas categorias, “direto, em que uma voz fala com a câmera e, por extensão conosco, de forma direta; e o discurso indireto, que não é dirigido à câmera ou ao público – como na ficção”. Podemos dizer assim que, o discurso do documentário, em suma, sustenta-se de ocorrências do real, de acontecimentos passados ou presentes durante as gravações, e não em suposições do que poderia ter acontecido como em filmes de ficção (PUCCINI, 2012).

¹⁵ Usado quando a voz colocada no vídeo não tem indicações de quem seja, não se sabe quem está falando. Utilizada muito em narrações da chamada “Voz de Deus” que é onipresente e onisciente na história.

É possível dizer que o documentário busca a legitimação do tema, utilizando de todos os recursos na narrativa (imagens de arquivo, gráficas, tomadas *in loco*, depoimentos, entrevistas, etc.) reunidos “para formar uma asserção sobre determinado fato, que é externo ao universo do realizador.” (PUCCINI, 2012, p.24). Para esta concepção será necessária a construção do roteiro e/ou do argumento.

1.3. O roteiro e a construção de uma narrativa baseada em depoimentos

A necessidade do roteiro cinematográfico é consequência do aumento da metragem das películas, pois antes não era necessário um texto escrito para orientar na gravação, já que a ideia do cineasta cabia apenas em um curta-metragem. O texto era em suma, uma sinopse, sem se ater a questões técnicas relacionadas à montagem e gravação. O planejamento das filmagens surge a partir do momento em que o *cameraman*, que antes era o dono do rolo do filme, vira o diretor de cinema, comandando e direcionando a produção. (BORDWELL; STAIGER e THOMPSON *apud* PUCCINI 2012).

Parecido com o texto teatral, o roteiro foi criado para ajudar no planejamento do filme, visando à redução de custos e ampliar o lucro na comercialização do produto. Isto porque se as gravações de um cenário fossem feitas de uma só vez, ao invés de seguir a ordem da narrativa dramática do filme, o custo era menor. “Portanto, historicamente, o roteiro surge não como forma de expressão do roteirista ou por desejo do diretor, mas como necessidade do produtor.” (LUCENA, 2012, p.39). Pode-se dizer que a consolidação do roteiro veio junto à da indústria cinematográfica e dos filmes de ficção.

Mesmo que a produção dos filmes de ficção e dos de não ficção seja diferente, por muito tempo grande parte dos documentários se guiou na produção dos longas ficcionais. Especificamente, no período de 1920 a 1950, quando se intitula a corrente documentário clássico, percebe-se uma prévia planificação com base em um roteiro cinematográfico (PUCCINI, 2012). A partir desta época, surgem duas correntes de produção documental, que se apoiam nos equipamentos mais leves e que rompem essa produção ligada ao planejamento do roteiro, denominadas de documentário verdade e documentário direto.

O documentarista do cinema direto levava sua câmera para uma situação de tensão e torcia por uma crise; a versão de Rouch do cinema-verdade tentava precipitar uma. O artista do cinema direto aspirava à invisibilidade; o artista do cinema-verdade era frequentemente participante assumido. O artista do cinema direto desempenhava o papel de um observador neutro; o artista do cinema-verdade assumia o de provocador. (BARNOUW *apud* DA-RIN, 2006, p.150-151).

Deixa-se de lado a escrita de um roteiro na pré-produção, resultando em um trabalho árduo da montagem na pós-produção e muito material gravado. “A regra é jogar com o imprevisto e o improvisado da filmagem, o que valoriza sobremaneira o papel do cinegrafista na construção do documentário.” (PUCCINI, 2012, p.15). Porém, é imprescindível notar que a maioria das produções documentais é baseada no modelo clássico, além de que as duas correntes direto/verdade estimulam o mito de que o gênero documental é uma simples produção audiovisual. Esse equívoco vem sendo discutido por diversos teóricos e documentaristas (PUCCINI, 2012).

O processo de roteirizar então, no documentário, é a seleção de diversos fatores além da coleta dos depoimentos, como definir locais de gravação, personagens, definição de cenas, sequências, enquadramentos, planos de filmagem e a própria escolha do tema que definirá o documentário. É a seleção posta em uma narrativa que necessariamente terá um começo, meio e fim. “A principal dúvida nasce do fato de que nem todos os roteiros de documentário se assemelham a um típico roteiro de filme de ficção, marcado pelo encadeamento de diversas cenas dramáticas.” (PUCCINI, 2012, p.16). É comum então, que o roteiro não nasça na pré-produção, exigindo então a elaboração de uma proposta, um argumento e o tratamento.

A proposta é escrita pensando no suporte financeiro que a viabilize e na orientação e limitação do tema do documentário. Autores como Michael Rabiger (1998) e Alan Rosenthal (1996) indicam modelos de proposta para o gênero, dando atenção a possíveis conflitos e tensões, sequências de ação, personagens principais, o público-alvo, as entrevistas, o estilo de filmagem, captação de som e iluminação e a estrutura narrativa. A proposta é, em suma, uma forma de colocar no papel toda a pesquisa que o documentarista fez sobre o tema.

O argumento, alguns autores como DocComparato (2009) o chamam também de grande sinopse, já Chion (1989) e Rodrigues (2002) completam afirmando que ele é uma sinopse mais elaborada. É a especificação da história que será contada, um esboço do roteiro, deve responder a seis questões – O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por

quê? - com a coleta do material. Apesar dos documentários “valorizarem situações imprevistas provenientes do choque com o real (e, em alguns casos, até mesmo torcerem por elas), grande parte do conteúdo desses filmes pode, e deve, ser previsto ainda na fase de pré-produção.” (PUCCINI, 2012, p.38).

Por último, o tratamento pensa na organização das ideias do documentarista contidas no argumento, cuida da estrutura propondo a visualização do possível produto audiovisual. “O conteúdo dessas sequências é descrito, no tratamento, de maneira resumida, mantendo uma abertura aos imprevistos que possam ocorrer quando se iniciarem as filmagens.” (PUCCINI, 2012, p.59). Ele é, basicamente, a escrita de como serão trabalhados os conteúdos apresentados na proposta e no argumento.

A estruturação sugerida no tratamento requer do diretor uma construção de imagens e sons diversos, ligada à exposição do tema escolhido e como ele será exposto no filme. Segundo Barry Hampe:

Um documentário normalmente não possui a estrutura em três atos típica dos roteiros de filmes de ficção, com seus pontos de virada, obstáculos e outros elementos estruturais utilizados para avançar a trama. Mas o documentário também enfrenta a mesma necessidade estrutural, que é a de despertar e manter o interesse do espectador desde o início, passando pelo longo desenvolvimento do meio até a resolução e encerramento do fim. (HAMPE, 1997, p.123).

Conforme Campos (2009), narrar uma história em roteiro, ficcional ou não, é como tranças de cabelo, “você vê os fios de estória (ou cabelo), segue os fios, eles também somem, mas somem na mesma direção, lado a lado, arrumadinhos.” (CAMPOS, 2009, p. 328). E não como fios de uma macarronada, onde não é possível acompanhá-los com o olhar. A metáfora é interessante para analisar documentários, pois o material coletado nas gravações após a roteirização apresenta o início, meio e fim.

Planejar a estrutura significa, antes de tudo, decidir como lidar com o tempo, porque a progressão temporal é o elemento mais importante de organização de qualquer narrativa. Você deverá decidir em qual ordem causa e efeito serão mostrados, e quais as vantagens dramáticas de alterar o encadeamento natural dos eventos. (RABIGER, *apud* PUCCINI, 2012, p. 104).

Esta linearidade é possível com a montagem, ou edição, do material. Puccini (2012) afirma que quando o documentarista não planeja as filmagens, não escreve a proposta ou argumento ou tratamento, ele deve planejar a montagem. “No

documentário, o trabalho de montagem muitas vezes se inicia sem nenhum roteiro predefinido, o diretor tem apenas uma hipótese inicial.” (PUCCINI, 2012, p.94).

Pertencendo a uma extremidade oposta a do roteiro na produção do filme documental, a montagem lida com pontos de corte e precisão na sequência. Mesmo estando opostas, representam o ponto de encerramento de um ciclo de produção:

As incontáveis operações que constituem o ato de montar são determinadas a tal ponto por outras decisões anteriores, tomadas na elaboração do roteiro, no registro das imagens e dos sons, que é possível considerar que, na verdade, a montagem, em sentido amplo, começa quando o roteiro é escrito e continua a ser feita durante a filmagem. (ESCOREL, *apud* PUCCINI, 2012, p.96).

O roteirista, no entanto, deve possuir noções de montagem, pois segundo os autores Pascal Bonitzer e Jean-Claude Carrière, “um roteirista que se recusasse a adquiri-las e se restringisse a uma atividade estritamente literária estaria amputando uma parte de si próprio.” (CARRIÈRE e BONITZER, *apud* PUCCINI, 2012, p.17). É importante destacar que o trabalho do montador nos documentários demanda de um longo período de tempo, devido a grande quantidade de material coletado. Indica-se realizar uma decupagem técnica de todas as entrevistas a fim de adiantar o processo de roteirização da montagem. Nela, o filme é dividido em macroestrutura, ordenação das cenas, e a microestrutura, ordenação dos planos utilizados.

Com base nas discussões de roteiro de documentários, o processo de roteirização, “entendido como organização do discurso que serve aos propósitos da organização da produção do filme, não está localizado em apenas uma das três fases de produção” (PUCCINI, 2012, p.125), é inserido em todo o cronograma de produção, encontrando uma forma final junto com o filme. Em seu livro, *Roteiro de Documentário*, Sérgio Puccini (2012), afirma que fica a parte do documentarista escolher a sua maneira de escrever o roteiro, seja antes, durante ou depois das gravações e até mesmo caso prefira uma improvisação, todavia ele indica a organização textual no processo.

O filme é uma consequência de escolhas feitas na proposta de filmagem, argumento e tratamento, que definem os enquadramentos e duração das tomadas na hora das gravações, e as escolhas na hora da montagem, os cortes, narrações e estrutura da narrativa. Comparando a ideia inicial do documentarista com o filme pronto, são expostas as suas escolhas que se ajustaram em um discurso. (PUCCINI, 2012). Foi com base nessas orientações que criamos a narrativa de *Afeto diário*.

CAPÍTULO 3 - RELATÓRIO TÉCNICO

3.1. Pré-produção

O documentário *Afeto diário* é um produto audiovisual que se baseou nas instruções de Alex Moletta (2009) para a sua realização. Separando as etapas em pré-produção, produção e pós-produção, o presente trabalho foi iniciado no primeiro semestre de 2014, na disciplina COM 390, Pesquisa da Comunicação, na qual realizei a delimitação do tema e grande parte da pesquisa teórica.

Assim, para elaborar o projeto de trabalho de conclusão de curso, precisei definir qual seria o meu objeto principal do documentário. Pensando desde o momento em que cheguei à cidade de Viçosa, deparei com diversas diaristas, que limpavam as repúblicas de amigos e as três em que morei. Sempre as encontravam arrumando os quartos e todas às vezes elas aceitavam um pouquinho do café que eu fazia quando chegava da aula. Nesses momentos, elas me contavam histórias dos filhos, do bairro onde moravam, de outros estudantes e comentavam sobre as novelas. Lembrando-se dessas histórias que me contavam e suas rotinas de trabalho, percebi que as profissionais seriam um objeto de estudo que me traria ótimas experiências.

Escolhido o tema, iniciei minha pesquisa e precisei delimitá-lo em empregadas domésticas ou diaristas, visto que uma diferenciava da outra pelo ponto de que o tempo de serviço era uma escolha variável para a segunda. Pesquisei com os estudantes em repúblicas de maior número de pessoas (principalmente as que já existiam há muito tempo na cidade) e percebi que a maioria escolhia diaristas para realizar a limpeza dos lugares.¹⁶ Apenas cinco estudantes de uma república resolveram no ano passado contratarem uma empregada, tendo ela carteira assinada e todos os direitos. Assim, de primeiro momento, defini que meu objeto principal seriam as diaristas.

Quando fui realizar a pesquisa teórica sobre a ocupação, pude encontrar dois pontos que me ajudaram a definir ainda mais o tema. Primeiro, encontrei a dissertação de mestrado *Diaristas, afeto e escolhas: ressignificações no trabalho doméstico remunerado* de Thays Monticelli (2013), na qual um dos capítulos focava no afeto entre

¹⁶ Talvez a escolha por diaristas seja explicada pelos estudantes terem uma vida passageira na cidade. A maioria quando forma muda para outro lugar, assim seria complicado realizar uma contratação de tempo determinado.

diaristas e seus clientes. E segundo, nas pré-entrevistas realizadas, percebi que os estudantes consideravam as diaristas como amigas da casa.

Realizadas durante o primeiro semestre de 2014, com estudantes e diaristas, em todas as pré-entrevistas o relacionamento era um tema que tinha mais assunto. Acompanhei também todas as discussões sobre o setor nos últimos tempos, para saber e informar sobre os direitos do campo profissional doméstico. Parti, então, para o segundo semestre já pensando em elaborar um produto audiovisual que documentasse os relacionamentos entre esses dois polos.

No início, após a primeira reunião de orientação, definimos quais seriam os capítulos teóricos que seriam abordados no memorial e quantas diaristas personagens iriam estar presentes na produção. Enquanto escrevia sobre o capítulo de roteiro de documentário, fui procurando por diaristas. Primeiro pensei em procurar as antigas que já conhecia desde a minha chegada, porém resolvi buscar em um grupo da UFV no *Facebook*¹⁷ indicações de diaristas que eram “legais e contadoras de histórias”. Surgiram várias recomendações de estudantes, alguns, inclusive, insistiram para que eu procurasse as que eles sugeriram.

Com oito contatos de diaristas, segui as orientações de Moletta (2009) sobre a fase da pré-produção de produtos audiovisuais, uma vez que, nesta etapa, são selecionadas as possíveis fontes para o documentário. Liguei e marquei com elas, conseguindo conversar com cinco em uma mesma semana e outras três na outra, tudo nos locais de trabalho e nos intervalos entre uma casa e outra. Algumas se mostraram dispostas a conceder as entrevistas, outras ficaram pensativas e deixaram para responder depois. Das oito, cinco se propuseram a gravar, isto no mês de setembro. Ao mesmo tempo, me atentei para a parte teórica, pesquisando sobre roteirização de documentário, visto que desde o início era uma parte da produção que eu mais preocupei pois se eu queria que a sua narrativa construísse a partir dos depoimentos coletados, eu precisava me instruir de como eu iria fazer esse processo.

No final de setembro, duas diaristas desistiram das entrevistas, uma porque alegava a timidez e a outra porque sentiu medo de contar a sua história. No caso, a diarista trabalhou muitos anos como doméstica na casa de uma família viçosense e, quando saiu de lá, descobriu que os patrões não pagaram nenhum mês de INSS para ela, isso em oito anos de contrato. Ela afirmou ser um assunto muito delicado, eu insisti um

¹⁷ Link: <https://www.facebook.com/groups/universidadefederaldevicosa/?fref=ts> acessado em 18 agosto de 2014.

pouco, pensando que seria um dos pontos a abordar no documentário, mas como percebi que não era uma situação agradável para ela, cancelamos a gravação.

Após a entrega do capítulo teórico do gênero documentário, já elaborando o capítulo específico sobre diaristas, deparei-me com a dificuldade de marcar as entrevistas com as profissionais e coincidir nossos horários, visto que elas possuem muitas obrigações e servem várias casas, e eu tendo estágio na maior parte da semana. Conseguimos coincidir alguns horários, elas nos intervalos entre uma casa e outra, e eu em horas livres que possuía. Essa dificuldade refletiu na seleção de personagens no documentário, visto que apenas três conseguiram um tempo para as gravações. As outras duas desistiram por estarem muito apertadas com os horários e por possuírem outras obrigações.

De acordo com Moletta (2009), é também na pré-produção que definimos os locais de gravação, o que realizei quando fui visitar as casas onde as personagens do documentário trabalhavam. Como elas trabalham em mais de uma casa durante a semana, facilitou a diversidade de lugares para as gravações, na entrevista com Cacilda pude escolher qual apartamento tinha a iluminação melhor para a entrevista. A alternativa por filmar nos locais de trabalho veio por reparar que elas preferiram assim, desde o início as diaristas se sentiram mais a vontade de gravar nas casas dos estudantes.

Elaboramos um roteiro de perguntas para as diaristas, porém ele sempre era alterado na hora da gravação, pois entrávamos em um assunto específico e discutíamos sobre ele. Mas de início em todas as entrevistas utilizei de tais perguntas: Como é a sua rotina? Quantas casas você trabalha na semana? Quando começou a trabalhar? Como foi o início? Você lembra-se de alguma história que aconteceu nesse período? Trabalhou em casa de família? Como foi? Como é trabalhar para estudante? Tem alguma república que te marcou mais? Por que? Já passou por algum momento ruim em sua vida e os estudantes ajudaram? Como é sua relação com os estudantes? Tem alguma história engraçada? O que você pretende fazer daqui pra frente?

Com tais questões, realizei todas as entrevistas como conversas. Preferi fazer primeiro com as diaristas e logo depois com os estudantes, porque assim elas me contavam histórias que eles participaram e era mais fácil de realizar as perguntas, por exemplo, o presente de natal que Pedro e seus amigos deram para Cacilda. Mas elas se concentravam em três iniciais. Como conheceu a diarista? Como foi a primeira impressão? Como é a relação de vocês?

Marcadas as entrevistas, com as três personagens, iniciei a segunda etapa do processo de criação do documentário, as gravações e a coleta de todo o material que constitui o vídeo *Afeto diário*.

3.2. Produção

De acordo com Moletta (2009), é na etapa de produção que se realizam as gravações definidas com o tema central. A primeira gravação foi com Cacilda Martins Campos (figura 1), no final de setembro, no alojamento pozinho da UFV. Ela foi uma indicação de um ex-aluno do curso de Comunicação Social, afirmando que era “única e especial” para os alunos que moram no Pós e Pozinho¹⁸. A entrevista realizou-se em uma segunda-feira às 11h30 da manhã, horário em que ela estava terminando a faxina.



Figura 1: A diarista Cacilda.

Os equipamentos, utilizados em todas as entrevistas, foram duas câmeras DSLRs Nikons, D5100 com lente 18-55mm e D3200 com lente 18-105mm, dois tripés de fotografia e um microfone lapela sem fio. Para as imagens em movimento, que utilizei de ilustração no documentário, foram realizadas com o *steadicam*¹⁹. Para controle da luz, utilizei de um pedaço de isopor algumas vezes para a refração, para evitar uma longa exposição que poderia estourar as cores na imagem. Para as gravações tive ajuda de amigos estudantes e interessados na área do audiovisual.

¹⁸ Alojamentos masculinos da Universidade Federal de Viçosa, de início foram criados para alunos da pós graduação, por isso os nomes populares de Pós e Pózinho.

¹⁹ Suporte que acopla a câmera ao corpo do operador, tendo apoio para o braço afim de estabilizar a imagem, dando a impressão de que a câmera flutua.

Depois da entrevista com a Cacilda, um estudante que ela mencionou em um dos depoimentos chegou à república. Aproveitei para perguntá-lo se ele cederia um momento para uma entrevista. O Pedro Henrique Santos Mota (figura 2), estudante de engenharia florestal, depôs sobre a convivência com a diarista e histórias engraçadas e emocionantes que firmam o relacionamento entre os dois. No mesmo dia, realizei a decupagem das duas entrevistas, já preparando uma montagem do documentário.



Figura 2: o estudante Pedro Henrique Santos Mota

No período das gravações, utilizei também as orientações de Puccini (2012) sobre os enquadramentos utilizados em entrevistas. De acordo com o autor, é preferencial variar entre plano médio (distância considerável do objeto, em que ele preencha parte considerável da imagem, mas mantendo espaço a sua volta), primeiro plano (única personagem em enquadramento) e *close* (rosto ou parte do personagem em destaque). Geralmente, recomenda-se que no início da entrevista comece com plano aberto e com o tempo é que se utiliza de planos mais próximos, principalmente em momentos “delicados”. “Essa estratégia, combatida por alguns documentaristas no que ela tem de clichê, busca explorar um efeito dramático propiciado pelos depoimentos.” (PUCCINI, 2012, p.68). Posicionei as duas câmeras de frente para o entrevistado, deixando que ele em cada imagem ficasse de lados diferentes (Figura 3), para que não houvesse alguma imagem repetida na hora de sincronizá-las com o áudio.

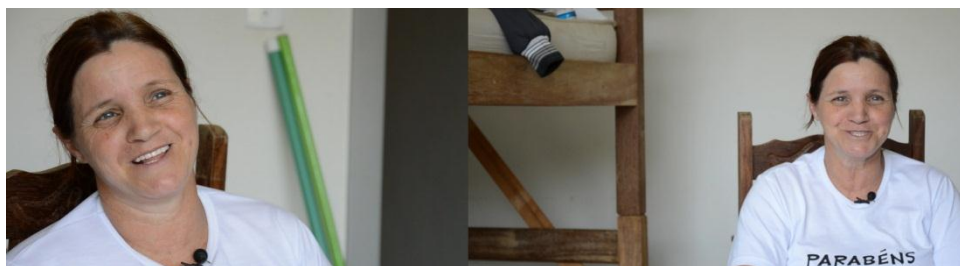


Figura 3: Na imagem da esquerda utilizo de um plano close e na da direita um plano mais aberto, para deixar visível que ela está em um quarto.

A segunda entrevista foi realizada com Maria do Perpétuo Socorro Ferreira Santos, a dona Lelé (Figura 4). Consegui encontrá-la em uma manhã na portaria de um prédio em que ela iria fazer uma faxina. Tínhamos falado por telefone e não sabia como ela era, mas quando ela chegou fez questão de sentar e conversar comigo. Foram 40 minutos de pré-entrevista e marcamos já para aquela semana as gravações. Ela disse qual era a casa que ela mais gostava de trabalhar e eu solicitei aos estudantes que pudéssemos gravar lá. Todos foram de acordo e assim, no dia, pedi ajuda ao meu amigo Samuel Salles, estudante de Secretariado Executivo Trilíngue e interessado em produções audiovisuais, para acompanhar as gravações. Dona Lelé, no dia, explicou que tinha perdido o ônibus, por isso, esperamos uma hora e meia e quando já estávamos voltando para entregar os equipamentos, recebi uma mensagem de que ela tinha chegado à casa dos universitários. Voltei e iniciamos as gravações, aproveitando que ela estava lavando os pratos e arrumando a cozinha, posicionei ali mesmo as câmeras e coloquei o microfone lapela.



Figura 4: Maria do Perpétuo Socorro Ferreira Santos conhecida pelos estudantes como dona Lelé.

Um imprevisto foi o cartão de memória da câmera D3200 não ter sido suficiente para gravar toda a entrevista, que durou mais de uma hora. Assim, sem nenhum computador por perto para descarregá-lo, tive que terminar os depoimentos com apenas

um ângulo. Outra dificuldade encontrada nesta entrevista foi a disposição da diarista, que não parava de se mexer. Assim, tive que controlar a câmera todo o tempo para acompanhá-la.

Terminada a entrevista e marcadas as outras com os estudantes da casa, percebi que a diarista estava muito mais a vontade conversando e brincando com todos. Aproveitei que não tinha retirado o microfone dela ainda e fiz alguns *takes* deles interagindo. Ela quando percebeu que estava sendo gravada não alterou, ainda pegou um óculos escuros e pediu para que continuasse. O momento foi ótimo para frisar o meu objetivo do documentário.

Na mesma semana, gravei com dois estudantes que moram na república em que dona Lelé trabalha. Primeiro às 18h30 (proveitei a luz do sol do horário de verão) com o estudante de economia Patrick Guimarães Figueiredo, e depois às 20h30 com a estudante de economia doméstica, Thamyras Rodrigues (Figura 5), no mesmo dia. Queria ter entrevistado outro estudante, o Junior Ferreira, que conhecia a diarista há mais tempo, mas por falta de compatibilidade dos horários tivemos que desmarcar.

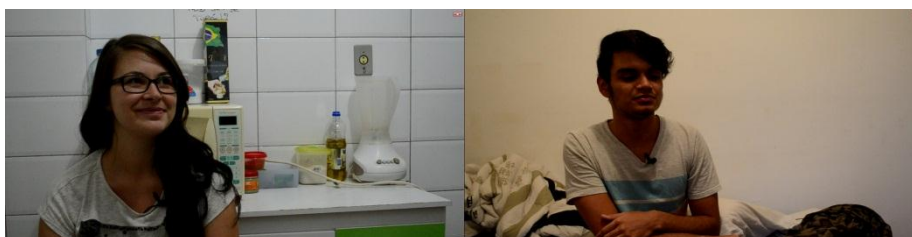


Figura 5: na esquerda Thamyras e direita Patrick, estudantes da república onde dona Lelé trabalha.

Após a decupagem das entrevistas de dona Lelé e os estudantes, com apenas uma entrevista para gravar (da diarista Raimunda) deparei com a situação inesperada, de ter encontrado a diarista Maria Aparecida Ribeiro da Silva, a Cida (Figura 6), que trabalhava na casa de uma amiga. O prazo de pré-produção já tinha ultrapassado, estava na segunda quinzena de outubro, já preparando o processo de montagem. Porém as recomendações foram muitas. Extrapolando o meu próprio tempo definido na primeira etapa, procurei-a e, por sorte, na pré-entrevista eu percebi que ela seria uma fonte importante para o documentário.



Figura 6: A diarista Maria Aparecida Ribeiro da Silva conhecida pelos estudantes como Cida.

Encontrei-a em uma república de meninas perto da universidade, ela parou a faxina e junto com Mariana Bellozi, estudante de jornalismo, iniciamos a gravação na cozinha. Nas primeiras perguntas, ela se mostrou tímida, falando pouco. Porém, quando iniciamos os casos de estudantes e o relacionamento dela com eles, se mostrou a vontade, durando 26 minutos de entrevista.

Ela mencionou, por exemplo, que dois estudantes que formaram na UFV voltaram para a cidade, um para trabalho e o outro para a pós-graduação, e antes quando calouros utilizavam de seus serviços. Agora, os dois dividem um apartamento e Cida trabalha para eles, emocionada ela afirmou ter sido uma alegria enorme quando eles a procuraram.

No mesmo dia liguei para um desses estudantes que fazem parte da história da diarista, o Geraldo Moreira Bittencourt, doutorando em economia na UFV e conseguimos marcar uma entrevista numa quarta, dia seis de novembro de 2014, às 19h. No mesmo dia, quando fui pegar equipamentos no Laboratório de Comunicação, às 17h, uma chuva muito forte impossibilitou minha ida para casa e nenhum número de táxi atendia. Com todos os equipamentos, menos a câmera D5100, fiquei esperando a chuva passar até 18h40, e os próprios entrevistados afirmaram que eu não poderia atrasar nenhum minuto sequer pois já tinham outro compromisso. Com sorte, a chuva parou por alguns minutos e eu corri para o centro, encontrei um amigo, Raul Luciano, que já presenciou produções audiovisuais em um intercâmbio nos Estados Unidos, e fomos para o apartamento dos dois rapazes. A entrevista foi com Geraldo e seu colega Jorge Ribeiro, ao mesmo tempo (Figura 7), sendo curta durando menos de dez minutos.



Figura 7: À direita o advogado Jorge Ribeiro e esquerda o doutorando Geraldo Moreira Bittencourt.

Na sexta-feira, dia sete de novembro, pela manhã, gravei com a diarista Maria Raimunda Liberato Oliveira (Figural 8), que eu já conhecia antes de iniciar as pesquisas para o documentário. A diarista trabalha em minha república desde 2013 e tornou-se amiga da casa, por isso, desde que iniciei o projeto, não ficaria contente se ela não estivesse nele, pois uma das inspirações foi a própria. No dia da gravação o tempo estava nublado, então não adiantaria gravar em um local aberto, por isso gravamos na sala. Peguei alguns instrumentos de trabalho dela e deixei no plano de fundo para ilustrar a imagem.



Figura 8: A diarista Maria Raimunda Liberato Oliveira.

De todas as diaristas, a entrevista de Raimunda foi a que durou menos, cerca de dez minutos. Foi algo inesperado, visto que ela mesma quando inicia uma conversa dura muito tempo, mas talvez sua timidez atrapalhou um pouco. Mesmo assim não deixou de contar as histórias e depoimentos que fazem parte do documentário.

Importante descrever que em todas as casas que fui, com as diaristas, pedi para que deixassem gravar elas trabalhando ou conversando com os estudantes, a fim de que pudesse usar as imagens para transição e ilustração no documentário. Todas elas foram

registradas com as DSLRs e com o suporte *steadicam* para evitar o desequilíbrio das imagens. Filmei também, de fora de repúblicas, imagens como toalhas penduradas, bicicletas e utensílios de estudantes, para representar a ideia proposta do documentário.

Fechadas as entrevistas e realizadas a transcrição de todas para o papel, pude entrar para a etapa final do trabalho de conclusão de curso, a pós-produção.

3.3. Pós-produção

Nesta etapa, segundo Moletta (2009), seleciona-se o material para o vídeo, realizam-se as primeiras edições e finaliza a narrativa audiovisual. Com todas as entrevistas decupadas, reli e fui selecionando as partes dos depoimentos que poderiam entrar para o documentário. Resolvi então fazer a montagem da história bruta, sem pensar nos momentos iniciais, pois segundo Lucena (2012), as partes que ilustram o documentário, que precisam de mais criatividade e atenção, devem ser olhadas posteriormente à criação da história central.

De acordo com Moletta (2009), é nesta etapa que se constrói um roteiro mais específico e técnico, depois de ter construído a narrativa do documentário a partir dos depoimentos coletados.

Iniciei a montagem de *Afeto diário*, percebendo que seria interessante começar pelas diaristas contando como foi quando começaram a trabalhar. Todas as quatro possuíam histórias interessantes desse início, e coloquei esses depoimentos de forma que se encaixassem e chegasse no assunto de quando elas começaram a trabalhar com estudantes e o tema casas de família. Desde o início nas pré-entrevistas, percebi que elas tinham histórias desse período em que trabalharam com famílias e deixei a opinião delas sobre esse assunto. Após isso, com o depoimento de Raimunda, afirmando que gosta muito mais de estudantes, deixei imagens de transição para iniciar a história central do documentário.

Início esse bloco com o tema festas e bagunça, com a diarista Cida narrando sobre como é chegar às repúblicas e deparar com desorganização dos alunos e já mudo para dona Lelé contando sobre a rotina com os estudantes. Aproveito de tal depoimento para iniciar a narrativa principal do vídeo, que é o relacionamento entre as duas partes. Intercalando histórias, como o estudante Patrick relata sobre como dona Lelé preocupa com eles e Thamyrys dizendo ela a animou em muitas vezes, Cida dividindo o seu

almoço com uma estudante, quando Cacilda foi ajudada quando começou a construir em sua casa e etc.

Ao decorrer do documentário intercalo esses depoimentos para que nenhuma diarista fique aparecendo demasiado e canse sua imagem no vídeo. Interponho também os depoimentos de Cacilda e Pedro sobre a história do presente de natal, a fim de uma maior dinamicidade. Na narrativa propus não dividir em blocos e deixar uma parte com estudantes e outra com diaristas, tentei montar *Afeto diário* como uma grande conversa entre diaristas e estudantes, na qual os casos e as histórias afirmassem a proposta do documentário.

Quando Jorge relata que Cida possui a chave da casa e tem liberdade em entrar e limpar a hora que quiser, e com o depoimento de dona Lelé “eles me põem como se eu fosse a dona da casa, a mãe deles”, chego à parte final do documentário, em que elas mesmas concluem que eles são seus filhos adotivos. Inclusive, Cida revela ter que lidar com os ciúmes do filho mais velho dessa relação com os estudantes.

Após esta parte, deixo que elas falem que nunca vão deixar de trabalhar com os estudantes, finalizando com o depoimento de Cacilda: “se eu tiver aguentando, eu vou trabalhar. Se Deus quiser.” Apresento depoimentos em que as diaristas admitem ser felizes com o trabalho, acabando o documentário com o possível futuro das diaristas.

Depois de finalizada a montagem da narrativa principal de *Afeto diário*, parti para pensar em uma introdução do vídeo, que resumisse a sua ideia principal logo nos primeiros minutos. Coloquei primeiro depoimentos sobre a rotina das diaristas e logo depois o de Cacilda dizendo para quantos estudantes ela trabalha, no meio da contagem ela diz, “imagina se fosse tudo meu?”, e assim a inseri a vinheta do documentário com a música *Jai pas* de *Lohstana David*.

Além dela incluí outras trilhas sonoras instrumentais e BGs para dramatizar e suavizar a narrativa. Para as imagens de ilustração, a música *Coastal Path* de *Dan Falvey*, e nos créditos procurei uma música forte e marcante, por isso inseri a *Once I Went You* de *Kara Square*. Todas as músicas foram retiradas do site de distribuição livre *jamendo.com* e todas em instrumental para não confundir com os depoimentos.

Utilizei dos programas *Adobe Premiere* para a edição dos vídeos e *SoundForge* para tratamento do áudio. A criação da arte da capa de *Afeto diário* foi realizada em uma reunião com o estudante e ilustrador Felipe Eller. Pedi então para que a estudante Shayene Martins a animasse com o programa *Adobe AfterEffects*, visto que ela possuía técnica nesse *software*.

A confecção do memorial foi durante o processo de produção do documentário e após a finalização de todas as partes do trabalho de conclusão de curso, teórica e prática, foi feita a confecção dos DVDs, com capas estilizadas com o nome do documentário e o desenho feito pelo ilustrador. O documentário *Afeto diário* possui 29 minutos e foi produzido em quatro meses, editado em dois computadores diferentes, uma CPU equipada de processador Intel Core i3 4GB RAM e 2.5GHz, e outra equipada de processador Intel Core i7 8GB RAM e 2.9GHz.

3.4. Materiais utilizados, orçamento e cronograma

a) Material

Quantidade	Descrição
1	Microfone lapela
1	Câmera digital Nikon D3200
1	Câmera digital Nikon D5100
2	Tripés fotográficos
1	Isopor
1	Cartões de memória de 8GB
1	Cartão de memória 16GB
1	Cartão de memória 32GB
1	Suporte <i>steadicam</i>
2	Computadores para realizar a edição e montagem

b) Orçamento

Descrição	Quantidade	Valor unit.
Transporte (táxi)	5	R\$ 10,00
Pilhas	2	R\$ 15,00
DVD's	9	R\$ 2,00
Impressão e papelaria	1	R\$ 40,00
Ilustração	1	R\$ 30,00
Animação	1	R\$ 40,00
	Total	R\$ 208,00

c) Cronograma

Atividades/Períodos	Semestre 01/2014	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
Pesquisa bibliográfica	x	x	x		
Reuniões de orientação	x	x	x	x	x
Pré-entrevistas		x	x		
Gravações				x	x
Decupagem				x	x
Montagem e edição					x
Produção do memorial		x	x	x	x

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar um documentário sobre um tema tão interessante como o de diaristas me proporcionou bons momentos e um aprendizado que levarei por toda a vida. Desde o início, tornou-se um objetivo mostrar para as personagens o produto final como agradecimento. Como toda produção audiovisual, ela demandou tempo, dinheiro e muita paciência. Pois não há jeito de conseguir tudo na hora em que queremos, principalmente pessoas poderem conceder entrevistas nos nossos horários.

Tais dificuldades, apresentadas no terceiro capítulo, não desmotivaram e considero que não surtiram efeito em minha produção final, pois realizei um documentário de 29 minutos que, em minha análise, desenvolveu o tema proposto. Foi preciso muita delicadeza para tratar com todas as fontes, os horários em sua maioria não eram compatíveis e houve alguns temas que não eram confortáveis para as diaristas. Bem como sensibilidade para definir quais seriam as personagens, visto que algumas nas pré-entrevistas não pareceram satisfeitas com o trabalho, e também foi necessário escolher os locais de gravação com muito cuidado, preocupando-se com luz, som e qualquer outro empecilho que poderia surgir.

Foi de extrema importância para a realização de *Afeto diário* a pesquisa teórica em roteiro de documentário, que me orientou desde o primeiro momento, pois todas as escolhas referentes ao vídeo definiram em sua narrativa, as personagens, os cenários, os enquadramentos e a própria escolha do tema. A pesquisa bibliográfica sobre o gênero proporcionou também uma visão crítica de todos os procedimentos realizados na produção audiovisual, buscando uma finalização coerente ao que foi pesquisado e discutido.

O aprofundamento teórico sobre o tema abordado e principalmente sobre o setor trabalhista trouxe contribuições imprescindíveis para a minha formação. A luta pelos direitos do trabalho doméstico obteve um marco significativo em 2013 com a PEC, porém as diaristas continuam como autônomas e, infelizmente, metade das que conversei, não contribuem com a Previdência e não conseguirão aposentar a tempo e outros benefícios. A pesquisa me impulsionou a procurar por contadores e advogados, e a ajudar as diaristas que contatei, auxiliando-as qual eram as suas melhores opções e o que poderiam fazer para conseguirem seus direitos. Em relação ao afeto eu pude ainda observar com todos os depoimentos das trabalhadoras e dos estudantes que ele existe sim, e configura-se em ações de ambas as partes.

A experiência de ter dirigido, produzido e montado um documentário como *Afeto diário* proporcionou-me um enorme aprendizado no gênero, pois estive presente em todas as etapas de sua produção. As possibilidades que ele trouxe, de conhecer e poder dialogar com diferentes pessoas certamente contribuíram com a minha formação. A escolha de um projeto experimental como trabalho de conclusão de curso foi um desafio, visto que toda a responsabilidade de concluí-lo era minha. Percebo que nenhuma produção audiovisual pode ser feita em pouco tempo, é necessário foco e objetividade na realização de todas as etapas. Espero que com ele consiga demonstrar o que foi proposto desde o início: que o afeto não depende de contrato, de tempo ou de qualquer outro meio para se realizar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAGNANO, Nicolla. **Dicionário De Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARAUJO, Eliane Cristina. Trabalho doméstico e trabalho decente no Brasil: uma análise das questões teóricas e das empíricas à luz da PEC 478/2010. **Revista GeoNordeste**, n. 1, p. 75-96, 2014.

BERNADET, J.C. **Cineastas e imagens do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BUTLER, Judith. **Marcos de Guerra: las vidas lloradas**. In: MONTICELLI, Thays Almeida. **Diaristas, afeto e escolhas**. Dissertação de Mestrado pela Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo. **Cadernos de pesquisa**, v. 110, p. 67-104, 2000.

CARRIÈRE, J. C. e BONITZER, P. **Prática do roteiro cinematográfico**. São Paulo: JSN, 1996.

CBO – Classificação Brasileira de Ocupações. Disponível em <<http://www.mtecbo.gov.br/>>. Acessado em 26 de maio de 2014.

CHION, M. **O Roteiro de cinema**. São Paulo: Martin Fontes, 1989.

CHODOROW, Nancy J. **El Podel de los Sentimentos: la significación personal en el psicoanálisis, el género y la cultura**. In: MONTICELLI, Thays Almeida. **Diaristas, afeto e escolhas**. Dissertação de Mestrado pela Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

DA-RIN, Silvio. **Espelho partido: tradição e transformações do documentário**. Rio de Janeiro: Azougue, 2006.

DILMENSTEIN, Gilberto. Folha de S. Paulo. Doméstica vai virar luxo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/gilbertodimenstein/1189259-domestica-vai-virar-luxo.shtml> Acessado em 19 de outubro de 2014.

DOMÉSTICA LEGAL, Instituto. Disponível em <<http://www.domesticalegal.com.br/>>. Acessado em 24 de outubro de 2014.

ESCOREL, E. **Adivinhadores de água**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

FRAGA, Alexandre Barbosa. **De Empregadas a Diaristas**: as novas configurações do trabalho doméstico remunerado. Dissertação de Mestrado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

GRIERSON, John. Princípios iniciais do documentário. In: LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção**. Summus Editorial, 2012.

HAMPE, B. **Making documentary films and reality videos**. Nova York: Henry Holt and Company, 1997.

HARRIS, David Evan. **“Você vai me servir”**: desigualdade, proximidade e agência nos dois lados do equador. Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade de São Paulo, 2007.

HOCHSCHILD, Arlie Russel. **La Mercantilización de la Vida Íntima** : apuntes de la casa y eltrabajo. In: MONTICELLI, Thays Almeida. **Diaristas, afeto e escolhas**. Dissertação de Mestrado pela Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/>>. Acessado em 09 de outubro de 2014.

ILO – International Labour Organization. Disponível em: <<http://www.ilo.org/>>. Acessado em 26 de maio de 2014.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção**. Summus Editorial, 2012

MATOS, M. Izilda S. Porta a dentro: criados de servir em São Paulo 1890-1930. In: Maria Cristina Bruschini e Bila Sorj. (Org.). **Novos Olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil**. Sao Paulo: Fund Carlos Chagas/ Marco Zero, 1994, p. 193-212.

MELO, Hildete Pereira de. **O Serviço Doméstico Remunerado No Brasil: de Criadas A Trabalhadoras**. Texto para Discussão do IPEA, Rio de Janeiro/RJ, p. 1-29, 1998.

MELO, Cristina Teixeira de; GOMES, Isaltina; MORAIS, Wilma, O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral. **Anais do XXIV Intercom**. Campo Grande, 2001.

MONTICELLI, Thays Almeida. **Diaristas, afeto e escolhas**. Dissertação de Mestrado pela Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. São Paulo: Papirus, 2001.

NUNES, Cristiane Girard. **Cidadania e Cultura**: o universo das empregadas domésticas em Brasília (1970-1990). Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília. 1993.

PENAFRIA, Manuela. **Perspectivas de Desenvolvimento para o documentarismo**. Universidade de Beira Interior. Covilhã, 1999.

PENAFRIA, Manuela (org.). **Tradição e Reflexões: contributos para a teoria e estética do documentário**. Covilhã, Portugal: Livros Labcom. 2011.

PPO-UFV – Pró-reitoria de Planejamento e Orçamento da Universidade Federal de Viçosa. Disponível em <<http://www.ppo.ufv.br/>>. Acessado em 09 de outubro de 2014.

PREVIDÊNCIA SOCIAL – Ministério da Previdência Social. Disponível em <<http://www.previdencia.gov.br/>>. Acessado em 25 de outubro de 2014.

PUCCHINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção**. Capinas, SP: Papirus, 2009.

RABIGER, M. **Directing the documentary**. Boston: Focal Press, 1998.

RODRIGUES, C. **O cinema e a produção**. Rio de Janeiro: Faperj/DP&A, 2002.

ROSENTHAL, A. **New challenges for documentary**. Berkeley/Los Angeles/Londres: University of California Press, 1998.

SANTO forte. Direção: Eduardo Coutinho. Brasil, 1999.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

ZELIZIER, Viviana A. **La Negociación de la Intimidad**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

ANEXOS

ROTEIRO AFETO DIÁRIO		Tempo:	Data: 14/1102014
<p>TEC:Três segundos de frame preto</p>	<p>CACILDA</p> <p>CIDA</p> <p>RAIMUNDA</p> <p>DONA LELÉ</p> <p>CACILDA</p>	<p>A, MINHA ROTINA É CANSATIVA NÉ? TODO DIA SAI DE UM LUGAR PASSA PRO OUTRO.</p> <p>SEGUNDA EU VOU EM DUAS POR DIA, AS VEZES TEM NA QUARTA, EU VOU EM TRÊS PORQUE IGUAL TEM UMA KITNET QUE EU VOU DEPOIS QUE OS MENINOS FALAM PRA MIM ASSIM, Ô CIDA NÃO IMPORTA A HORA QUE VC CHEGAR AQUI IMPORTANTE É VC VIR, QUE EU FALO ASSIM AH EU NÃO VOU NÃO VAI DAR NÃO, AÍ VEM CIDA INDEPENDENTE DA HORA A HORA EU QUE EU CHEGO LÁ PRA ELES TÁ BOM</p> <p>ASSIM EU VOU SEMANAR INTEIRA, TRBALAHO DE SEGUNDA A SÁBADO, E GRÇAS A DEUS O PESSOAL QUE EU TRABALHO SÃO TUDO ÓTIMO</p> <p>E GRAÇAS A DEUS, TRABALHO CADA DIA NUMA CASA, FELIZ DA VIDA. E É BOM TER SERVIÇO DA GENTE NÉ?</p> <p>AH ISSO É UM MONTE VIU, CADA CASA TEM 9, PRA VC TER IDEIA, E EU TRABALHO EM SEIS QUE TEM 9 ESTUDANTE, E TRABALHO COM UNS RAPAZ QUE ELES ESTUDAM EM UNIVIÇOSA, 4, COM DUAS MENINAS QUE EU TRABALHO COM ELAS ALI PERTO DA PREFEITURA, LÁ QUE É MENOS GENTE. AQUI É QUE É MUITOS, JÁ PENSOU SE FOSSE TUDO MEU?</p>	
<p>VINHETA AFETO DIÁRIO</p> <p>Música: Jai pas de Lohstana David</p>			

GC: Cacilda Martins-Diarista	CACILDA	A O PRIMEIRO DIA FOI MUITO ASSIM, VERGONHOSO NÉ? TODO PRIMEIRO DIA É MAIS DIFÍCIL, NÃO SABIA O QUE FAZER. DEPOIS A GENTE FOI TREINANDO.
GC: Maria Raimunda-Diarista	RAIMUNDA	A GENTE FICA ASSUSTADO NÉ? PREOCUPADO DE NÃO TA FAZENDO O TREM DIREITO, MUITO NOVO AINDA, NÉ? MAS DEPOIS TUDO BEM, NA PRIMEIRA CASA TRABALHEI, AÍ TEM UMAS, AÍ TRABALHEI UM TEMPO NUMA CASA DEPOIS EU LARGUEI PEGUEI UMA OUTRA,
GC: Dona Lelé-Diarista	DONA LELÉ	EU TAVA MUITO NOVA AINDA. SOLTEIRA. SAÍ DA ESCOLA, MORAVA NA ROÇA, SAÍA CEDO PRA TRABALHAR, SAÍA SEIS HORAS DE CASA, PEGAVA O SERVIÇO, FICAVA O DIA INTEIRO TRABALHANDO, CASA DE FAMÍLIA, TRABALHEI HÁ MUITOS ANOS EM CASA DE FAMÍLIA, DEPOIS QUE EU CASEI, FUI MORAVA NA, TODA VIDA MOREI NA ROÇA, NUNCA MOREI NA CIDADE. SAÍA PRA TRABALHAR, SEIS HORAS, E VOLTAVA SETE HORAS DA NOITE, TODO DIA.
	RAIMUNDA	NA PRIMEIRA CASA TRABALHEI, AÍ TEM UMAS, AÍ TRABALHEI UM TEMPO NUMA CASA DEPOIS EU LARGUEI PEGUEI UMA OUTRA, FUI BABA TAMBÉM, TRABALHEI DE BABA, TRABALHEI MAIS DE CINCO ANOS DE BABA, E FOI INDO ASSIM
GC: Cida-Diarista	CACILDA	MARCOU ASSIM, EU ERA MUITO MAIS. EU TRAZIA MEU FILHO MAIS NOVO, MAIS VELHO, TUDO PERTO DE MIM. PUNHA ELES SENTAR E TRABALHAR, AÍ COMEÇAVA A CHORAR PARA VÁ PRA DA RMAMADEIRA, TUDO ISSO EU PASSEI. TUDO COM MEUS FILHOS PERTO DE MIM.
	CIDA	EU TRABALHAVA NO EQUIPE, DEPOIS TRABALHEI NA PIF PAF, AÍ DEPOIS TIVE QUE PARAR, AÍ COMECEI, O MEU MENINO TAVA DOENTE, ADOECIU DEMAIS, AÍ TIVE QUE PEDIR CONTA E TRABALHAR COM ESTUDANTE

	<p>CACILDA</p> <p>DONA LELE</p> <p>CIDA</p>	<p>A GENTE LAVAVA ROUPA PROS MENINO E ELES ME PERGUNTAVAM “VC LIMPA TAMBÉM? TEM UNS AMIGOS MEU QUE TAO PRECISANDO DE LIMPAR, LÁ NO PÓSINHO E NO POS. AÍ EU FALEI LIMPO!PRA MIM ATÉ MELHOR. AÍ COMEÇAVA A LEVAR A ROUPA DELES E TRABALHAR. LEVANDO. DEPOIS PASSADO UNS TEMPOS, EU LARGUEI DE LAVAR ROUPA E ACHEI MELHOR SÓ TRABALHAR DE FAXINA.</p> <p>AGORA DEPOIS DE UNS NOVE ANOS PRA CÁ, QUE EU RESOLVI VOLTAR TRABALHAR SÓ PRA ALUNO.</p> <p>AÍ DEPOIS TIVE QUE PARAR TAMBÉM PQ EU ENTREI EM DEPRESSÃO POR CAUSA DA MORTE DA MINHA IRMÃ QUE EU NÃO ACEITEI, FIQUEI COM DEPRESSÃO, AÍ DEPOIS COMECEI QUERER TRABALHAR E MINHA IRMA SABIA DE UMA KITNET, PQ O RAPAZ QUE ELA TRABALHAVA A NAMORADA PRECISA DE UMA PESSOA PRA TRABALHAR AÍ EU QUERIA UM LUGAR PEQUENO ASISM, PQ EU ACHO QUE NÃO VOU CONSEGUIR, AÍ MINHA IRMA FALOU VC VAI CONSEGUIR AÍ EU VOU. AÍ FUI PRA LÁ TRABALHAR NESSA KITNET, AÍ A MOÇA SAÍA MEIO PRA AULA, PRA ALMOÇAR E FICAR PRA UNIVERSIDADE MESMO, AÍ ELA CHEGAVA EU TAVA NA UNIVERSIDADE AINDA, UM QUARTINHO A TOA, E UMN BANHEIRO, AÍ ELA FICAVA ASSIM, Ô CIDA NÃO PRECISA FICAR FAZENDO ASSIM NÃO, MAS É PQ EU NÃO TINHA FORÇA PRA TRABALHAR EU TAVA SIANDO DA DEPRESSÃO AINDA NÉ, AÍ TEVE UM DIA QUE EU FUI E CONTEI PRA ELA, QUE EU TAVA SAINDO DA DEPRESSÃO AINDA E TAL, QUE EU NÃO TINHA FORÇA DIREITO PRA TRABALHAR. AÍ ELA MUDOU, FOI ORAR NUM APARTAMENTO COM CINCO MOÇAS E MECHAMOU PRA TRABALHAR COM ELA, AÍ EU FALEI NÃO VOU NÃO AGUENTO, NÃO VOU TER CONDIÇÕES, ELA FALOU VC VAI.</p>
--	---	---

<p>Música BG: Coastal Path de Dan Falvey</p>	<p>CIDA</p>	<p>AÍ ME LEVOU PRA LÁ EXPLICOU PRAS MENINAS MEU PROBLEMA QUE EU TAVA, E ESSA MENBINA QUE ME DEU AJUDA DEMAIS, QUE EU SAI DA DEPRESSÃO ASSIM,</p>
	<p>CACILDA</p>	<p>CASA DE FAMÍLIA EU NÃO GOSTEI NÃO. TRABALHEI UM MÊS E POUCO E NÃO GOSTEI NÃO. É MAIS ENJUADO. ERA MUITO SERVIÇO, E TINHA QUE PEGAR DAS SETE AS CINCO PRA MIM NÃO DAVA</p>
	<p>DONA LELE</p>	<p>TRABALHEI MUITO EM CASA DE FAMÍLIA, JÁ CUIDEI DE CRIANÇA A NOITE PRAS MAE TRABALHAR, PRA IR PRA FARRA. E FICAVA ATÉ MESMO ANDAR EMBORA. TRABALHEI OITO ANOS NUMA MULHER NO BAIRRO DE RAMOS ALI E OS MENININHO DELA TAVAM TUDO PETITITINHO, QUANDO FOI EMBORA, FORMOU FOI EMBORA, QUE EU LARGUEI E FUI PRA OUTRO LUGAR.</p>
	<p>CIDA</p>	<p>A ACHO QUE SEI LÁ, FAMÍLIA AS VEZES, TEM GENTE QUE ME TRATOU BEM, MAS TEM GENTE QUE NÃO TRATA A PESSOA BEM, E ESTUDANTE EU NÃO SEI, MAS TÁ TÃO CARENTE ASSIM NÉ? LONGE DOS PAIS, TRATA A GENTE BEM, AÍ EU ME SINTO MUITO BEM,</p>
	<p>DONA LELE</p>	<p>NOSSA ESTUDANTE É BOM DEMAIS. É BOM DEMAIS. ELES NÃO AMOLAM A GENTE. ESTUDANTE É OUTRA COISA, EU FALO O QUE TEM PRA FALAR, EU CHAMO ATENÇÃO DELES</p>
	<p>RAIMUNDA</p>	<p>MUITO BOM, MUITO MELHOR. DO QUE CASA DE FAMÍLIA, EU GOSTO MUITO MAIS. QUE VC VE ATÉ HOJE, DESDE MUITO TEMPO, ATÉ HOJE EU NÃO LARGO É SÓ SE EU NÃO AGUENTATR MESMO</p>
<p>Imagens de ilustração: Pósinho, diaristas trabalhando, dona Lele conversando com os alunos...</p>		

	CIDA	<p>JÁ TEVE, REPUBLICA QUE CHEGAVA TAVA BAGUNÇADA DE FESTA, EU CHEGAVA E JÁ VINHA PEDINDO DESCULPA, Ô CIDA DESCULPA TÁ? MAS FOI FULANO QUE FEZ, FULANO QUE FEZ ESSA BAGUNÇA AQUI. SEMPRE PEDINDO DESCULPA, AÍ EU FICAVA BRAVA COM ELES, NOSSA SENHORA GENTE, ESSA BAGUNÇA AQUI DENTRO DE CASA PARECE BICHO. AQUI NÃO É LUGAR DE BAGUNÇA NÃO, FAZ BAGUNÇA LÁ EM CIMA DA LAJE, ALGUM LUGAR, MAS NÃO DENTRO DE CASA ASSIM, CERVEJA ENTORNADA NO CHÃO, BANHEIRO AQUELA BAGUNÇA COISA. QUANDO EU CHEGAVA Ô CIDA, ALGUNS ATÉ JÁ ME LIGAVAM, Ô CIDA NÉ POR NADA NÃO, MAS AMANHA NA HORA QUE VOCE CHEGAR AQUI, VOCE VAI VER, MAS FOI FULANO, AH TÁ ENTÃO NÃO TEM NINGUEM QUE FEZ NÃO NÉ, ENTÃO UM JOGAVA, PERGUNTAVA O OUTRO NÃO FUI EU NÃO CIDA, ACHO QUE FOI FULANO, MAS ERAM ELES TODOS. ERA AQUELA BAGUNÇA DANADA.</p>
	RAIMUNDA	<p>MAS ISSO É NORMAL, EU ACHO QUE É SUPER NORMAL, EU NÃO ESQUENTO COM ISSO NÃO, PQ UNS FAZEM MUITA BAGUNÇA MESMO MAS AQUI, ISSO EU NÃO ESQUENTO NÃO, PQ ISSO É NORMAL, NÃO FICO COM RAIVA NÃO. EU FICO SOSSEGADA.</p>
	CIDA	<p>AÍ TEVE UMA MOÇA QUE EU FUI FAZER FAXINA PRA ELA, AÍ VIROU PRA MIM E FALOU, NOSSA EU TO VENDENDO AQUI, MUITA INDICAÇÃO SUA, SÓ HOMI GATO, EU FALEI COM ELA É CLARO MINHA FILHA EU TRABALHO SÓ COM HOMI BONITORISOS, AÍ EU VOU VARRENDO E SÓ OLHANDO RISOS.</p>
	DONA LELÉ	<p>AQUI ELES CONTAM SEGREDO. AQUI E TIRA RETRATO MEU. VOCÊ PRECISA VER. JO QUE QUE ELES FAZEM COMIGO MEU FILHO, POE MUSICA PRA MIM, OLHA, ESSE MAS JUNINHO AQUI Ó, MUSICA, Ô DONA LELÉ TA BOA ESSA MUSICA, IH TA DEMAIS. QUER VER EU FICAR RAPIDINHA NO SERVIÇO É POR UMA MUSICA E GOSTO DO TREM RÁPIDO TAMBÉM.</p>

<p>GC: Patrick Figueiredo-estudante de economia</p>	<p>DONA LELE</p> <p>PATRICK FIGUEIREDO</p>	<p>ESSES DOIS AQUI VC PRECISA DE VER MEU FILHO, TEM DIAS QUE FICAM CORRENDO AQUI OPA QUE QUE É ISSO AQUI GENTE, PRA FAZER GRAÇA SABE. IH VC PRECISA VER COMO A GENTE BRINCA, CONTA CASO, POE MUSICA EU DANCO</p> <p>ENTÃO A DONA LELE QUALQUER PESSOA QUE EHC GA AQUI DA MUITA COISA, DA MUITO ASSUNTO ELA ADORA CONVERSAR SE VC PARAR QUALQUER MINUTINHO COM ELA, SE VC TIVER ATRASADO VC NÃO CONVERSA COM ELA PQ VAI ATRASAR.</p>
<p>GC: Thamyrys Rodrigues-estudante de economia doméstica</p>	<p>THAMYRYS RODRIGUES</p> <p>CIDA</p>	<p>ELA É UMA PESSOA MUITO ALTO ASTRAL, FALA DEMAIS EU CHEGO ATRASADA TODA QUARTA-FEIRA NA AULA PQ ELA VEM OITO E EU TENHO AULA AS DEZ, E ELA NÃO CONSEGUE PARAR DE FALAR. NEM EU. AI A GENTE FICA FALANDO FALANDO. AÍ ELA É MUITO BOAZINHA, ELA SEMPRE ESCUTA A GENTE, E SEMPRE FALA MUITO TAMBÉM, QUALQUER PROBLEMA QUE A GENTE TEM A GENTE PODE FLAR COM ELA, LEMBRO UNS DIAS QUE EU CHEGUEI MUITO TRISTE E EU FUI CONTATR PRA ELA ELA ME ANIMOU</p> <p>É TEM UNS QUE SÃO MAIS CARINHOSO, É EDUCADO, TEM GENTE QUE É MUITO INDUCADO, TEM MUITOS TAMBÉM IGUAL UMA MENINA QUE, HOJE EM DIA AGORA, TEM BOLSA E TUD, TEMPOS ATRÁS NÃO ERA TODOS QUE TINHAM, AÍ TINHA MUITA DIFICULDADE DE ALIMENTAR FICAVA COMENDO SÓ MIOJO AQUELE MACARRÃO PURO, FICAVA COM DÓ DELA, AÍ EU LEVAVA MINHA MARMITA, QUE EU LEVO TODO LUGAR QUE EU VOU EU LEVO MINHA MARMITA, INCLUSIVE EU TRABALHEI PRA UMA SENHORA ELA SINDICA DO PRÉDIO AQUI, ATÉ O MOÇO QUE FALOU, VOU VER SE CONSIGO ENCAIXAR A SENHORA NA SEXTA-FEIRA AÍ ELA FALOU \ASSIM Ô CIDA, AÍ EU LEVO MINHA MARMITA AÍ ELA PELO AMOR DE DEUS AQUI NA MINHA CASA SE VOCÊ COMER MARMITA EU NEM TE QUERO AQUI MAIS</p>

	<p>CIDA</p> <p>DONA LELE</p> <p>CACILDA</p> <p>RAIMUNDA</p>	<p>AÍ EU FALEI NÃO EU TO ACOSTUMADA EU MEXO COM ESTUDANTE ESTUDANTE NEM ESQUENTA A CABEÇA NÃO, AÍ EU LEVO, NÃO TRAZ NÃO, MAS EU LEVAVA MINHA MARMITA AÍ ACABAVA DIVIDINDO A MINHA COMIDA COM ELA</p> <p>EU TRABALHO PRA ALUNO E FICO COM MUITA PENA, PQ AS VEZES UNS FICAM SEM ALIMENTAR DIREITO, PQ NÃO TEM TEMPO, UAI EU NÃO VI AQUELES QUE SAÍRAM SEM LANCHAR NÃO UAI, COITADOS, VC VE ELES FALANDO, NÃO TEM QUE IR QUE TA NA HORA, É VERDADE, AS VEZES EU FALO ASSIM, AI MEU DEUS, TA SAINDOS SEM NADA, AÍ TEM DIA QUE EU FALO, FAZ UM SUÇO GENTE, QUE EU SOU ASSIM, EU NÃO LIGO PRA COMIDA ARROZ COM FEIJÃO NÃO, MAS DEPOIS EU FAÇO SUÇO, VAI LA TOMAR AQUELE SUÇO LA, E ELES TAMBÉM SÃO ASSIM, TUDO QUE ELES FAZEM ELES POE NA MINHA FRENTE E MANDAM EU COMER. SENHORA JÁ COMEU HOJE</p> <p>AQUI NA ÉPOCA EU TAVA CONSTRUINDO, O MARCO AQUI, ELE CONFIU TANTO NIMIM QUE EMPRESTOU EU UM DINHEIRO PRA CONSTRUÇÃO. NA HORA DO APERTO, DEPOIS EU TRABALHEI PAGUEI PRA ELE DIREITINHO</p> <p>O MEU FILHO LUCIANO QUE EU TE FALEI, CONVULSÃO NÉ? ELE TEVE CONVULSÃO. UM DEMAIO QUE ELE TEVE, ELE ACORDOU PASSANDO MAL SABE, AÍ EU PEGUEI QUE QUE EU FIZ, PEGUEI FUI NO HOSPITAL E TUDO, NEM FUI TRABALHAR ESSE DIA, AÍ EU CHEGUEI LÁ NO MEU SERVIÇO DOS ESTUDANTES NÉ, PEGUEI E FALEI, AÍ ELE PEGOU, AÍ EU PENSEI ASSIM EU VOU LEVAR ESSE MENINO NO HOSPITAL MEDICO OLHOU E TUDO, AÍ EU PENSEI ASSIM EU VOU PASSAR PRA FAZER PARTICULAR MESMO QUE EU PASSAR MUITO APERTO EU VOU FAZER PARTICULAR PRA CUIDAR DELE DIREITINHO. ELES PEGARAM E ME AJUDARAM FIZERAM OS EXAMES, PAGARAM OS EXAMES PRA MIM,</p>
--	---	--

	<p>RAIMUNDA</p> <p>DONA LELÉ</p> <p>CIDA</p>	<p>PAGARAM CONSULTA, NANANNA MEU FILHO NANANA E GRAÇAS A DEUS FICOU JOIA ENTÃO FOI MUITO BOM, É UMA COISA QUE EU AGRADEÇO A ELES, NUNCA VOU ESQUECER DISSO. FOI A TURMA QUE REUNIU E FEZ PRA MIM.</p> <p>IH JÁ CUIDEI DE CACHORRO DE ESTUDANTE,</p> <p>VCS ACREDITAM QUE ELES TINHAM QUATRO CACHORRO, ELES VIAJAVAM, PRA CASA DA MAE DELES E FALAVAM COMIGO ASSIM, Ô DONA LELÉ COMO É QUE A GENTE VAI FAZER COM ESSES CACHORRO. DEIXA COM A SNEHORA, OU AQUI, AH MAS EU TO COM MEDO DE LEVAR LA PRA CASA, ESSES CACHORRO FUGIR, PQ A GENTE MORA NA ROÇA, PQ É PERIGOSO NÉ, E A PAIXÃO DELES É O CACHORRO. E EUE TAMBÉM GOSTO MUITO DE CACHORRO. MAS ACONTECE QUE EU TINHA QUE, UM, O PEDRO FALOU COMIGO ASSIM, A SENHORA LEVA PRA CUIDAR, NÃO MELHOR EU VIM, PQ AÍ TEM O LUGAR DELES, DE DORMIR, Q JÁ TO ACOSTUMADO, PEGUEI, ELES VIAJOU SEMANA INTEIRA, ESSES DIAS, SEMANA SANTA , NATAL, FERIADO, AÍ EU VOU E TRATO, ABRO A PORTA, OS CACHORRO TUDO ME CONHECE, TRATAR ELES BEM TRATADOS, DOU A RAÇÃO, DOU BANHO, CONVERSO MUITO ELES, E VOU EMBORA. AÍ LIGA PRA MIM, TA TUDO BEM DONA LELÉ, LIGA PRA MIM, COMO É QUE É, TA TUDO BEM, E O S CACHORRO, TA TUDO BEM, PQ OS CACHORRO SENTE SAUDADE DO DONO NÃO SENTE</p> <p>TEM UMA TAMBÉM QUE ELA FOI CHAMADA PRA SER MADRINHA DE CASAMENTO, AÍ O PAI DELA TAVA MUITO APERTADO AÍ ELA FALOU ASSIM, AI CIDA COMO QUE EU VOU FAZER</p>
--	--	--

	<p>CIDA</p> <p>CACILDA</p>	<p>AÍ ELA CIDA COMO É QUE EU FAÇO CIDA, EU NÃO VO PQ É CASAMENTO, AÍ EU FALEI NÃO PODE DEIXAR EU CONHEÇO UMA MENINA AÍ QUE TEM SÓ VESTIDO BONITO, AÍ LIGUEI PRA ELA, ELA JÁ TINHA MORADO EM UMA REPÚBLICA AÍ TAVA MALCOM A FAMÍLIA AÍ PEGUEI AMIZADE COM ELA E ELA SÓ VESTIDO BACANA, E ELA CIDA ELA NÃO VAI EMPRESTAR PRA MIM, AÍ EU PODE TER CERTEZA QUE VESRIDO SERVINDO EM VOCÊ ELA VAI TE EMPRESTAR AÍ EU FALEI COM ELA ELA NÃO TA CONDICÇOES VAI SER MADRINHA PRECISANDO DE UM VESTIDO, PRA ELA PODER SER MADRINHA, AH CIDA MAS COMO QUE EU VOU EMPRESTAR ISSO, AÍ EU FALEI COM ELA NÃO TE DOU GARANTIA ELA É GENTE BOA, QUE ISSO CIDA, PODE DEIXAR, ELA FOI ENCONTROU COM A MENINA, MARCOU ENCONTRO NO LUGAR ONDE EU TRABALHAVA COM A MENINA E ELA FOI LEVOU VESTIDO FICOU LINDO E FOI MADRINHA NESSE CASAMENTO.</p> <p>AÍ VAI EU TENHO A MARCA ATÉ HOJE, NO FINAL DA HISTORIA AGORA QUE EU TRABALHEI PRA ELE QUE MARCOMO, ELE FORMOU, ELE TINHA UMA MAQUINA E EU FALEI, SE DEUS QUIZER, DEPOIS QUE EU PARAR DE CONSTRUIR VOU COMPRAR UMA MAQUINA DESSA PRA MIM. AÍ ELE FALOU COMIGO ASSIM, QUE ELE ERA MUITO BRINCALHÃO, ENTÃO A GENTE NÃO CONFIAVA MUITO QUE ELE FALAVA ASSIM NÉ. CONFIAVA E ASSIM, MAS ELE NÃO TINHA CONDIÇÃO, FALAVA. “MAS Ó CACILDA, PODE DEIXAR DONA CACILDA, EU TO INDO PRA PARÁ, EU VOU EMPREGAR, NO DIA QUE DÁ DOIS ANOS, EU VOU TE DAR ESSA MAQUINA DE LAVAR.” AÍ ELE PROMETEU ISSO PRA MIM, AÍ EU FALEI ASSIM, AH CE TA ZUANDO MINHA CARA, ONDE É QUE VOCÊ VAI ME DAR UMA MAQUINA DE LAVAR.</p>
--	----------------------------	---

<p>GC: Pedro Mota-estudante de engenharia florestal</p>	<p>PEDRO MOTA</p> <p>CACILDA</p> <p>PEDRO</p> <p>CACILDA</p> <p>PEDRO</p> <p>CACILDA</p>	<p>ENTÃO, SEMPRE, O PESSOAL DA CASA, TINHA O CODORNA, O CORNINHO, TINHA A TRADIÇÃO, TEM A TRADIÇÃO DE TODO NATAL DAR NO MÍNIMO UMA CAIXA DE BOMBOM PRA ELA OU ALGUMA COISA RELACIONADA. A GENTE QUE É MORADOR DE ALOJAMENTO A GENTE SOFRE UM POUCO AS CONDIÇÕES FINANCEIRAS ESSAS COISAS, AÍ O PESSOAL FALOU ASSIM NÃO CACILDA SE EU CHEGAR A TER DINHEIRO EU VOU TE DAR UM PRESENTE ASSIM ASSIM, AÍ O CORNINHO FOI O MARCONE, FORMOU EM AGRONOMIA, HOJE ELE TRABALHA NO PARA ELE PROMETEU ELA, FALOU Ó CACILDA EU VOU TE DAR UMA LAVANDERIA, NÉ, UMA MAQUINA DE LAVAR, AÍ ELE ME PERGUNTOU NO FACEBOOK E AÍ PEDRO DESCOBRE SE A CACILDA TA PRECISANDO DE UMA MAQUINA DE LAVAR. OU O QUE QUE ELA TA PRECISANDO.</p> <p>AÍ ELE JOGANDO VERDE PRA COLHER MADURO, ELE CONVERSANDO COMIGO E TUDO. AÍ ELE Ô CACILDA, QUE QUE VC GOSTARIA DE GANHAR NO NATAL? AÍ EU FALEI ASSIM, SE EU FALAR COM VOCÊ QUE QUE PRECISO VOCÊ VAI ENCHER O CAMINHÃO E LEVAR LÁ PRA CASA. BRINCANDO COM ELE.</p> <p>NÃO QUE ISSO, NE ASSIM NÃO, NE? MAS AÍ EU ACABEI ARRANCANDO DELA QUE ELA PRECISAVA DE UMA TELEVISÃO</p> <p>AÍ EU FALEI, MAQUINA EU NÃO TO PRECISANDO MAIS NÃO, QUE EU JÁ COMPREI. AGORA TELEVISÃO SIM, TO PRECISANDO, TO DOIDA COM UMA TELEVISÃO DE TELA PLANA, VC VAI ME DAR UMA TELEVISÃO? AÍ ELE, NÃO DE JEITO NÃO, NEM NÓS TEM AQUI.</p> <p>AÍ EU FALEI COM O FORNINHO QUE ENTÃO VAMO COMPRAR UMA TELEVISÃO PRA ELA DE 42 POLEGADAS, TELA PLANA.</p> <p>QUANDO FOI JANEIRO CHEGOU UMA TELEVISÃO PRA MIM LÁ.</p>
--	--	---

	<p>PEDRO</p> <p>CIDA</p> <p>DONA LELÉ</p>	<p>A GENTE FOI LÁ NO FUNDÃO ONDE QUE ELA MORA, LEVAMOS A TELEVISÃO PRA ELA, NÃO SABIA DE NADA, ELA FICOU SURPRESA, CONHECEMOS A FAMÍLIA, OS FILHOS ASSIM, DELA, TRABALHAM AQUI TAMBÉM, TODO MUNDO FICOU ASSUSTADO COM A SURPRESA BRINCANDO COM ELA, MAS FOI BACANA A GENTE VIU QUE ELA FICOU MUITO AGRADECIDA A MÃE DO CORNINHO FOI LÁ, TIROU FOTO COM A GENTE, ELE CASOU E ELE FALOU QUE ESSA É UMA DAS RECORDAÇÕES QUE ELE QUERIA GUARDAR ASSIM</p> <p>TEVE VEZES QUE JÁ TIVE APERTADA TAMBÉM, EU VIA QUE ELES NÃO TINHAM CONDIÇÕES DE FICAR ME AJUDANDO MAS ME AJUDARAM TAMBÉM, NAQUELE APERTO DELES REUNIRAM E ME DERAM AJUDA. VIRA E MEXE DE VEZ EM QUANDO TEM UM QUE NÃO CIDA NÃO, ASVEZES TEM HORA QUE EU NÃO GOSTO NEM DE FALAR CIDA TA TUDO BEM TEM UNS QUE EU NÃO POSSO NEM CONTART MEUS PROBLEMA, QUER TENTAR ME AJUDAR A RESOLVER SABE</p> <p>UM DIA TEVE UM QUE FICOU DEITADINHO LÁ, E DEIXOU UM BILHETE PRA MIM ASSIM, AH É, COMO QUE É O APELIDO DELE, XUXA, AÍ TÁ ASSIM, DONA LELE, NOVE HORAS ME ACORDA PREU IR PRA UNIVERSIDADE. AÍ TODA HORA QUE EU OLHAVA NO QUARTO TAVA COM A CABEÇA COBERTA, OLHAVA DE NOVO, TAVA COM A CABEÇA COBERTA, AÍ COITADINHO DEVIA TER CHEGADO TARDE DA NOITE NÉ? AH NÃO VOU LÁ CHAMAR ELE NÃO, VOU NADA. AI PENSEI MEU DEUS ELE VAI PERDER A AULA, AÍ VOLTAVA DE NOVO TA COM A CABECINHA COBERTA, AH NÃO VOU NÃO, AÍ FICAVA SEM SABER, AÍ QUANDO ELE LEVANTOU AAAH DONA LELÉ A SENHORA NÃO EM CHAMOU. A EU IA TE OLHAR LÁ E VC TAVA ASSIM SABE QUANDO DORME ASSIM, EU FICAVA COM DÓ, AÍ VC ME DESCULPA, VC ME PERDOA</p>
--	---	--

	<p>DONA LELÉ</p> <p>PATRICK</p> <p>DONA LELÉ</p> <p>CIDA</p> <p>DONA LELÉ</p>	<p>QUE EU SEI QUE EU ERREI, PQ SE VC DEIXOU O BILHETE ESCRITO LÁ, ME ACORDA, EU ERREI, NÃO ERREI?</p> <p>TEVE UMA VEZ QUE EU FUI NA COZINHA, QUE ELA TAVA LAVANDO A COZINHA, QUE EU FUI DE FININHO PRA NÃO SUJAR A COZINHA PQ TAVA TUDO MOLHADA. E ELA PATRICK, QUE FOI DONA LELÉ TA SUJANDO, NAÕ CALÇA O CHINELO VC VAI ESCORREGAR O CHÃO TÁ MOLHADO, E ELA SUPER PREOCUPADA COM A GENTE.</p> <p>Ô DONA LELÉ EU VOU CORTAR SEU CABELO, PORQUE ELES GOSTAM DE VER EU BONITINHA NÉ? QUE CORTAR CABELO MENINO. SABE QUANDO TEVE AQUELA COPA AÍ? ELES FALOU COMIGO EU VOU PINTAR O CABELO DA SENHORA, DE QUE? DE VERDE. AH MAS CES VAO PINTAR MEU CABELO DE VERDE QUE QUE EU VOU VIRAR, VOU ME JOGAR PEDRA NO MEIO DA RUA, QUE ELES GOSTAM DE ME VER BEM SABE?</p> <p>TEM UMA OUTRA TAMBÉM QUE PRECISAVA DANÇAR QUADRILHA NÉ, E ELA AI CIDA COMO É QUE EU VOU FAZER DANÇAR QUADRILHA TO APERTADA DEMAIS, AÍ EU FALEI PERAÍ PODE DEIXAR CONHEÇO UMA MENINA QUE TEM UM VESTIDO DE QUADRILHA RISO, PRA VC, AÍ FUI ATRÁS DA MAE DA MENINA E PEDI A MENINA A MENINA MORAVA LÁ PERTO DE CASA EU TINHA VISTO ELA, TAVA COM UM VESTIDO BONITO, EU FALEI TENHO CERTEZA ELA É MAGRINHA IGUAL VC EU VOU TENTAR SE A MAE DELA EMPRESTAR EU CHEGO COM O VESTIDO PRA VC, AÍ LEVEI, CONSEGUI O VESTIDO PRA VC, POSSO AJUDAR ASSIM, EU GOSTO PESSOAS ESTUDANTE, EU FAÇO DE TUDO.</p> <p>E VOCÊ PRECISA VER A CASA QUE EU TRABALHEI LÁ NO BAIRRO DE RAMOS, O RAPAZ PEGAVA A CANTAR PRA LAVAR O BANHEIRO AÍ ELE FALOU ASSIM, O DONA LELÉ SENHORA GOSTA DE MUSICA, NÃO TINHA RADIO, AÍ ELE FOI E COMPROU UM RADIO PRA MIM</p>
--	---	---

<p>GC: Geraldo Bittencourt-doutorando em economia</p>	<p>DONA LELÉ</p> <p>CIDA</p> <p>GERALDO BITTENCOURT</p>	<p>MENINO MAS NO DIA QUE ELE COMPROU UM RADIO PRA MIM, RAFAEL QUE ELE CHAMA, HOJE ELE TA MORANDO LÁ NO PARAISO, COMPROU UM RADIO PRA MIM, POS A PILHA E POS O RADIO EM CIMA DA GELADEIRA, ELE POS ASSIM, Ô DONA LELÉ , PRA SENHORA, AH CE TA BRINCANDO, MENINO MAS ME DEU UMA ALEGRIA NAQUELE DIA, IH MAS EU AGRADECI ELE DEMAIS</p> <p>IGUAL OUTRO DIA EU TAVA COM UM PROBLEMA COM A SKY 'PEDIA MEU FILHO ELE QUE ME PEDIU PRA FAZER NEGOCIO DA SKY, AÍ EPDI PRA LIGAR PRA LÁ PRA CANCELAR ESSE NEGOCIO PQ TEM HORA QUE NÃO ENTENDO NÉ, AÍ MEU FILHO PEGAVA UM COISA, AÍ FUI FALAR COM UM “NOSSA TO DOIDA PRA CANCELAR ESSA SKY, CADA UM DIA UM PREÇO, AÍ PEÇO MEU FILHO PRA LIGAR PRA MIM, PQ TEM HORA QUE É MUITA COISA EU NÃO ENTENDO” “AÍ ELE PODE DEIXAR CIDA, O QUE VC TA QUERENDO, EU TO QUERENDO CANCELAR ESSE TREM PQ EU NÃO GUENTO É COISA PRA RESOLVER E MEU FILHO NÃO RESOLVE, AÍ ELE FOI PRA LÁ, SENTOU ASISM, SENTEI LÁ NO QUARTO DELE, E FCOU MAIS DE DUAS HORAS E MEIA PQ O NEGOCIO PRA CANCELAR VC SABE COMO É DIFÍCIL NÉ? FIQUEI UM TEMPÃO COMIGO, ENQUANTO NÃO RESOLVEU TUDO, PQ ELES QUERIAM QUE EU PAGASSE EU FALEI NÃO VAI PAGAR NÃO, VOU LEVAR NO PROCON ARRUMOU AQUELA CONFUSÃO TODA E EU NÃO PAGUEI NADA E PROBLEMA. AÍ FOI MUITAS VEZES RESOLVERAM PRA MIM.</p> <p>MINHA FAMÍLIA TODA CONHECE A CIDA, MEU PAI MINHA MÃE, MINHA IRMA E A MINHA OUTRA IRMA MAIS NOVA QUE NÃO ESTUDOU AQUI MAS TAMBÉM CONHECEU ELA, ENTÃO, LÁ E CONVERSAVA COM ELA BASTANTE E JÁ SABIA DO JEITO DELA ACOLHEDOR E TUDO</p>
--	---	---

<p>GC: Jorge Ribeiro - Advogado</p>	<p>CIDA</p> <p>JORGE RIBEIRO</p>	<p>TEVE UMA MENINA QUE EU CHEGUEI ELA TINHA CAÍDO DE MOTO OTAVA TODA RALADA, AÍ AS MENINAS QUE MORAVAM COM ELA NÃO TAVAM NEM AÍ RPA ELA ELA TVA DENTRO DO QUARTO, AÍ EU CHEGUEI EU SABIA QUE ELA TINHA CAÍDO, AÍ NO OUTRO DIA QUE EU FUI BATI NA PORTA DO QUARTO DELA PRA VER COMO QUE ELA TAVA, ELA TAVA QUASE DESMAIANDO, AÍ NA HORA QUE EU CHEGUEI PERTO DELA ELA JÁ DESMAIOU AÍ CONSEGUI PEGAR ELA SOZINHA DENTRO DE CASA CONSEGUI PEGAR ELA COLOCAR LÁ EM CIMA DA CAMA E PERGUNTANDO PRA ELA NA HORA QUE ELA FOI VOLTANDO PERGUNTANDO PRA ELA SE TINHA COMIDO ELA NÃO TINHA COMIDO NADA PQ ELA NÃO TINHA FORÇA PRA SAIR DA CAMA E AS MENINAS QUE MORAVAM COM ELA TAVAM NEM AÍ AÍ QUE EU FIZ COM ELA TIVE QUE PEGA PEGUEI UMA MACA FUI NA GELADEIRA ABRI A GELADEIRA QUERO NEM SABER DE QUEM QUE É ISSO, PEGUEI UMA MAÇA CORTEI UMA MAÇÃ UMA COLHERZINHA E FUI RAPANDO EU VI QUE ELA TAVA DESMAIADA DE FRAQUEZA E FUI RAPANDO A MAÇA ASSIM COLOCANDO NA BOCA DELA DEVARGAZINHO AÍ QUE ELA FOI COMENDO VOLTANDO VOLTANDO.</p> <p>ELA SEMPRE GOSTA DE CONTAR PAPO, HISTORIA PRA GENTE, DA FAMILAI DELA. O QUE EU ACHEI BACANA, PQ AS VEZES A GENTE ACHA QUE AS PESSOAS NÃO DAO VALOR, MAS AS PESSOAS HUMILDES SEMPRE DA MAIS VALOR SEMPRE A COISAS PEQUENAS POR EXEMPLO NA MINHA FORMATURAPOR EXEMPLO VC DA CONVITE PRA MUITOS AMIGOS E ELES RASGAM FORA, AÍ FUI NA CASA DELA, APÓS A FORMATURA, AÍ TAVA O MEU RETRATO DO LADO DAS FOTOS DOS FILHOS DELA, FOI UMA COISA MUITO BACANA QUE VC VÊ QUE ELA GOSTAMUITO DA GENTE TEM UM CARINHO MUITO GRANDE COM ELA, SÃO OITO ANOS, ELA TEM A CHAVE AS VEZES ELA TA DE FÉRIAS ELA TOMA CONTA PRA GENTE</p>
-------------------------------------	----------------------------------	---

	DONA LELÉ	TENHO A CHAVE DA CASA, ELES CONFIAM EM MIM, EU CONFIO NELES. A CHAVE TA NA BOLSA ALI, ABRO O PORTAO ENTRO, ELES ME PÕEM COMO SE EU FOSSE A DONA DA CASA, A MÃE DELES.
	CACILDA	ESSE MENINO ME ASSUSTA TEM DIA QUE CHEGA PÉ POR PÉ, DA CADA GRITO COMIGO. PRECISA DE VER. IGUAL MAE E FILHO MESMO. CONSIDERA ELES IGUAL MEUS FILHOS MESMO, COM ESSAS DOIDADA DELES. FALEI COM ELES, NUNCA NESSA CASA NÃO PARA DE ENTRAR DOIDO NÃO, SÓ VAI ENTRANDO MAIS DOIDO.
	PEDRO	A CACILDA, A GENTE TEM QUE DAR UM SUSTOS NELA AÍ, PQ SENÃO SE A GENTE NÃO QUEBRAR O GELO UM POUCO FICA MUITO MONÓTONO, A GENTE FICA COM O QUARTO FECHADO, ELA FALA Ô MENINO VAI ESTUDAR VOCÊ TÁ AQUI PRA ESTUDAR, FICA PUXANDO ORELHA, AÍ COMO FORMA DE BRIUNCAR A GENTE ESCONDE ATRÁS DA PORTA, BATE PÉ NO CHÃO, DÁ UM GRITO, AÍ ELA FICA ASSUSTADA
	RAIMUNDA	TODOS QUE EU TRABALHO EU CONSIDERO DEMAIS, A MOÇA QUE EU TRABALHO COM ELA CONSIDERO TUDO COMO FILHO CONSIDERO GOSTO DELES TUDO, TUDO SÃO ÓTIMOS
	DONA LELÉ	MENINO QUANDO UM FORMA QUE VAI EMBORA, EU FICO RUIM, EU FICO MUITO TRISTE
	CIDA	EU CHORO ELES TAMBÉM CHORA, EU CHORO ASSIM NÉ, EU FICO DOIDA PRA ELES VOLTAREM, MAS SEI QUE ELES TAO INDO PRA UMA COISA BOA NÉ MAS DA TRISTEZA, QUANDO VC TA ACOSTUMADA COM AQUELA PESSOA, O DIA A DIA ASSIM, CONTAR SEUS PROBLEMA QUE A PESSOA TE AJUDA AJUDA AQUELA PESSOA CONVERSA E TUDO, AÍ PESSOA VAI EMBORA, SINTO FALTA DEMAIS, AÍ TEM UNS QUE LIGAM PERGUNTA, QUANDO TEM QUE VIR AQUI EM VIÇOSA, AÍ ME PROCURA, ME LIGA, CIDA ONDE É QUE VC TÁ, EU TO EM TAL LUGAR

<p>CRÉDITOS:</p> <p>Afeto diário Filme de Michael Maia Orientação Mariana Procópio Imagens: Mariana Bellozi/Michael Maia/Raul Luciano/Samuel Salles Arte capa: Felipe Elle Músicas: Jai pas – Lohstana David/ Coastal Path – Dan Falvey/ Once I Went You - Kara Square Logo COM</p>	<p>CIDA</p> <p>DONA LELE</p> <p>GERALDO</p> <p>CIDA</p> <p>DONA LELE</p> <p>CACILDA</p>	<p>AÍ CHEGA LÁ PRA ME ABRAÇAR DESSE JEITO, É UMA AMIZADE QUE FICA MESMO</p> <p>AÍ A MAE VEM CONVERSA COMIGO, TOMA CONTA COMIGO, SE PRECIASAR DAR UMA XINGADINHA EU DOU. PQ A MAE, A MAE, EU SOU MAE, EU SEI COMO QUE É. FILHO SAI VC FICA EM TEMPO DE DAR UM TROÇO. EU TENHO ELES COMO FILHO MESMO, DO JEITO QUE EU FAÇO PRA ELES EU FAÇO PROS MEUS FILHOS,QUE PUDE RFAZER EU FAÇO MESMO.</p> <p>QUE ELA É MUITO MAS MUITO APEGADA MESMO COM A MINHA IRMA, E NA ÉPOCA ELA FALOU QUE TINHA NUMA FESTA DE CRIANÇA TINHA PEGADO UNS DOCINHOS LEVADO PRA CASA E GUARDOU NA GELADEIRA UNS DOCINHOS E O FILHO DELA FOI PEGAR E ELA FALOU PRA ELE NÃO PEGAR QUE ERA PRA MINHA IRMÃ, E O FILHO DELA FICOU COM CIÚMES ATE POR CAUSA DISSO, QUE ELA TINHA GUARDADO OS DOCINHOS PRA MINHA IRMÃ</p> <p>EU TENHO UM FILHO MEU MAIS VELHO, ELE TEM CIÚMES DOS ESTUDANTES, NÃO POSSO FICAR FALANDO MUITO NÃO, Ô MÃE, OS ESTUDANTE DA SENHORA, FALA DESSE JEITO NÃO ANDRÉ QUE ISSO MEU FILHO, EU GOSTO DE VC TAMBÉM</p> <p>NÃO, EU NÃO LARGO ESTUDANTE DE JEITO NENHUM, SÓ SE ELES ME MANDAREM EMBORA. MAS MUITOS ANOS JÁ QUE EU TRABALHO E VOU SE DEUS QUISER, VOU CONTINUAR, NINGUÉM ME ABORRECE NÃO.</p> <p>AH NÃO QUERO LARGAR NÃO, ENQUANTO EU ESTIVER AGUENTANDO EU VOU TRABALHANDO. EU POSSO APOSENTAR, SE ELES TIVEREM ME DANDO SERVIÇO, EU TIVER AGUENTANDO EU VOU TRABALHAR. SE DEUS QUISER.</p>
---	---	--